

C o l e ç ã o

abrindo  espaços

EDUCAÇÃO E CULTURA PARA A PAZ



Abrindo Espaços

Guia passo a passo para a
implantação do Programa Abrindo
Espaços: educação e cultura para a paz

*Coleção em
parceria com*



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação
da UNESCO
no Brasil



Abrindo Espaços

Guia passo a passo para a implantação do
Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz

Brasília, dezembro de 2008

Representação da UNESCO no Brasil

Representante

Vincent Defourny

Setor de Ciências Humanas e Sociais

Coordenadora

Marlova Jovchelovitch Noletto

Oficiais de Projeto

Carlos Alberto dos Santos Vieira

Beatriz Maria Godinho Barros Coelho

Rosana Sperandio Pereira

Alessandra Terra Magagnin

Coordenador Editorial

Célio da Cunha

Fundação Vale

Conselho de Curadores

Tito Botelho Martins Junior

Carla Grasso

Gabriel Stoliar

Pedro Aguiar de Freitas

Orlando Góes Pereira Lima

Olinta Cardoso Costa

Márcio Luis Silva Godoy

Adriana da Silva Garcia Bastos

Marconi Tarbes Viana



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil
SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6,
Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar
70070-914 – Brasília/DF – Brasil
Tel.: (55 61) 2106-3500
Fax: (55 61) 3322-4261
grupoeditorial@unesco.org.br
www.unesco.org.br



Fundação Vale
Av. Graça Aranha, 26
20.030-000 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Tel.: (55 21) 3814-4477
Fax: (55 21) 3814-4040

Abrindo Espaços

Guia passo a passo para a implantação do
Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação
da UNESCO
no Brasil



*Coleção em
parceria com*

© 2008 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

Organização e redação final: Marlova Jovchelovitch Noletto

Redação e edição: Gabriela Athias

Colaboradores: Cristina Cordeiro, Helena Povere, Lia Diskin, Candido Gomes, Marisa Sari, Julio Jacobo, Regina Vassimon, Anailde Almeida, Leoberto N. Brancher e Rita Ippolito

Revisão técnica: Marlova Jovchelovitch Noletto, Rosana Sperandio Pereira, Alessandra Terra Magagnin e Candido Gomes

Revisão: Denise Martins e Jeanne Sawaya

Diagramação: Paulo Selveira

Capa e projeto gráfico: Edson Fogaça

Abrindo espaços: guia passo a passo para a implantação do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz. – Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008.

93 p. – (Série saber e fazer; 3).

ISBN: 978-85-7652-073-3

1. Cultura de Paz 2. Violência 3. Escolas 4. Atividades Extracurriculares 5. Jovens Desfavorecidos 6. Programas Sociais 7. Brasil I. UNESCO II. Fundação Vale III. Título

CDD 303.66

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

Agradecimentos

A experiência do Programa Abrindo Espaços não existiria sem a colaboração de atores de inquestionável competência e verdadeiramente comprometidos com a melhoria da qualidade da educação no Brasil.

Entre essas pessoas, merece especial agradecimento o Ministro da Educação, Fernando Haddad, intelectual e executivo que vem demonstrando grande habilidade em dar novos rumos ao sistema educacional brasileiro, sem nunca medir esforços para apoiar as iniciativas da Representação da UNESCO no Brasil. Naturalmente, este agradecimento é extensivo a toda a sua equipe, sobretudo ao Secretário-Executivo do MEC, José Henrique Paim Fernandes, com quem o programa começou quando ainda era presidente do FNDE, ao Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, André Lázaro, e à Coordenadora Nacional do Programa Escola Aberta, Natália Duarte.

Agradecemos ao Ministro da Justiça, Tarso Genro, e a Ricardo Henriques, pois foi em suas gestões como Ministro da Educação e Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, respectivamente, que o programa foi lançado e tomou forma.

Agradecemos também à Diretora de Comunicação da Vale, Olinta Cardoso, e à Fundação Vale, que tornou possível esta coleção. Exemplo vivo de responsabilidade social, a Fundação demonstra com consistência que o conceito de progresso só é pleno quando o setor privado leva em conta fatores como preservação do meio ambiente, fortalecimento do capital social das comunidades com que interage e respeito às identidades culturais.

Agradecemos, por fim, aos profissionais da UNESCO envolvidos direta ou indiretamente no Abrindo Espaços, os quais trabalham incansavelmente pelo sucesso do programa, e aos colegas do setor editorial, que contribuíram para que este trabalho fosse bem-sucedido. São eles Doutor Célio da Cunha, Edson Fogaça, Jeanne Sawaya, Larissa Leite, Mônica Noletto, Paulo Selveira, Pedro Henrique Souza e Rodrigo Domingues.

Coleção Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz

Coordenação

Marlova Jovchelovitch Noletto
Beatriz Maria Godinho Barros Coelho

Revisão Técnica

Marlova Jovchelovitch Noletto
Rosana Sperandio Pereira
Alessandra Terra Magagnin

Colaboradores

Gabriela Athias
Candido Gomes
Adriel Amaral

SUMÁRIO

Apresentação

A multiplicação da cultura de paz.....	9
<i>Vincent Defourny</i>	
Viver a paz, viver em paz.....	11
<i>Sílvio Vaz de Almeida</i>	

Introdução

Abrindo Espaços: inclusão social e educação para o século XXI	13
<i>Marlova Jovchelovitch Noletto</i>	

Sobre a Série Saber e Fazer

19

O Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz

21

Jovem, escola e comunidade: os focos do programa.....	24
Elementos de identidade do Programa Abrindo Espaços	26
A UNESCO e a cooperação técnica no Programa Abrindo Espaços.....	28
A construção da cultura de paz	30

Os passos para a implantação do programa	35
Passo 1 – Tomando a decisão	37
Passo 2 – Estruturando o programa e discutindo seu formato	38
Passo 3 – Formando a equipe de coordenação central.....	39
Passo 4 – Definindo os critérios para selecionar as escolas participantes e mobilizando-as para a participação no programa	41
Passo 5 – Compondo as equipes locais e iniciando o processo de formação continuada	46
Passo 6 – Mobilizando a comunidade e realizando diagnósticos	52
Passo 7 – Definindo as atividades e divulgando as oficinas	56
Passo 8 – Abrindo os portões: integrando escola e comunidade	59
Passo 9 – Monitorando e avaliando o programa	62
Passo 10 – Documentando a experiência	64
Abrindo Espaços: três experiências pioneiras	67
O Programa Escolas de Paz – Rio de Janeiro	68
O Projeto Escola Aberta – Pernambuco	70
O Programa Abrindo Espaços – Bahia	73
Influenciando a formulação de políticas públicas: nasce o Programa Escola Aberta	77
O que dá certo	82
Saiba mais	85
Referências bibliográficas	91

Apresentação

A multiplicação da cultura de paz

No ano em que o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz completa oito anos, a Representação da UNESCO no Brasil tem a oportunidade de lançar uma coleção de sete publicações para sistematizar uma iniciativa de inclusão social e redução de violência com foco na escola, no jovem e na comunidade.

O Programa Abrindo Espaços consiste na abertura das escolas públicas nos fins de semana, com oferta de atividades de esporte, lazer, cultura, inclusão digital e preparação inicial para o mundo do trabalho. Ao contribuir para romper o isolamento institucional da escola e fazê-la ocupar papel central na articulação da comunidade, o programa materializa um dos fundamentos da cultura de paz: estimular a convivência entre grupos diferentes e favorecer a resolução de conflitos pela via da negociação.

A UNESCO agradece à Fundação Vale pela parceria que lhe possibilita publicar esta coleção, uma ferramenta de multiplicação de um programa que já é política pública e está presente em escolas dos 26 estados da federação e do Distrito Federal.

O objetivo das publicações é compartilhar com a sociedade o conhecimento e a experiência acumulados pela UNESCO na gestão do Programa Abrindo Espaços, que tem como uma de suas missões agregar valor a iniciativas focadas na construção e na multiplicação da cultura de paz.

Além disso, auxiliar tecnicamente nossos parceiros na execução de programas e projetos capazes de construir um Brasil mais justo e menos desigual, especialmente para as populações vulneráveis, caso de milhares de jovens que vivem nas periferias pobres do país, onde atuam as escolas do Abrindo Espaços.

Conhecer as publicações é apenas o primeiro passo para o caminho a ser percorrido pelos interessados em identificar mais uma opção de sucesso na promoção da cultura de paz, na inclusão social e na redução de violência. A UNESCO no Brasil está à disposição para seguir contribuindo com estados, municípios e demais parceiros empenhados em aprofundar-se em programas dessa natureza.

Vincent Defourny

Representante da UNESCO no Brasil

Viver a paz, viver em paz

Paz, para ser vivida, tem de ser construída, dia a dia, nos pequenos atos, de onde germinam as grandes transformações. Paz é para ser realizada, não só idealizada. Paz se faz, não é dada.

Nós, da Fundação Vale, temos consciência de que a paz é, sobretudo, ação. E que só se torna realidade quando caminha junto com o desenvolvimento humano. Por isso, adotamos como uma de nossas áreas de atuação a educação: para a cidadania e para vida.

Acreditamos no papel estruturante da educação, na importância da inclusão social e no protagonismo juvenil – crenças partilhadas com a UNESCO no Programa Abrindo Espaços. A iniciativa, que nasceu da experiência em três estados brasileiros, tornou-se política pública em 2004 e agora, com esta coleção, realizada em parceria com a Fundação Vale, passa a ser sistematizada e oferecida a vários países.

O Programa Abrindo Espaços vem contribuindo para redefinir o papel da escola e firmá-la como referência entre os jovens. Ao ampliar o acesso a atividades de lazer, cultura e esporte, cria oportunidades para que os jovens exercitem valores como a não-violência, a liberdade de opinião e o respeito mútuo, fortalecendo suas noções de pertencimento ao grupo social.

Com esta coleção, esperamos transmitir vivências, compartilhar conhecimentos e, ao mesmo tempo, ajudar a criar condições para que se construa uma visão de futuro em que prevaleçam o diálogo, a tolerância e a responsabilidade.

Sílvia Vaz de Almeida

Diretor Superintendente da Fundação Vale

Introdução

Abrindo Espaços: inclusão social e educação para o século XXI

No ano 2000, durante as comemorações do Ano Internacional da Cultura de Paz, a Representação da UNESCO no Brasil lançou o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz.

Ao longo destes oito anos, o programa, que, ao abrir escolas públicas no fim de semana, combina elementos de inclusão social e educação, solidificou-se e é a primeira ação da UNESCO no Brasil a tornar-se política pública. A metodologia proposta pelo Abrindo Espaços é a base do Programa Escola Aberta, criado pelo Ministério da Educação, em 2004, hoje presente em todos os estados brasileiros.

Entre 2000 e 2006, em parceria com secretarias municipais e estaduais de educação, o Programa Abrindo Espaços abriu 10 mil escolas e atendeu cerca de 10 milhões de pessoas nos cinco primeiros estados em que foi implantado – Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e São Paulo. Cabe destacar que em São Paulo o programa foi implantado em praticamente toda a rede estadual, atingindo 5.306 escolas de um total de 6 mil. Com o nome de Escola da Família, contou com 30 mil voluntários e 35 mil universitários atuando diretamente nas escolas.

A dimensão do Abrindo Espaços nestes anos de existência revela a riqueza da experiência acumulada por toda a equipe da UNESCO e, sobretudo, pelos parceiros e executores do programa.

A parceria com a Fundação Vale possibilita agora o lançamento de uma coleção de sete publicações que sistematizam a metodologia do Programa Abrindo Espaços em todas as suas dimensões –

bases conceituais, aplicações práticas e recomendações, análise de especialistas, custos de implantação –, além de incluir duas cartilhas cujo conteúdo ensina a vivenciar na prática a construção da cultura de paz. As cartilhas constituem um guia para professores, alunos, supervisores e todos aqueles envolvidos na operacionalização dos programas Abrindo Espaços e Escola Aberta, e reforçam a necessidade de se ter também instrumentais que possam orientar a ação de nossos educadores na construção de uma cultura de paz.

Costumamos dizer que a UNESCO tem muitos objetivos, mas uma única missão, que está destacada em seu ato constitutivo: “Uma vez que as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas.”

Por meio da criação e implantação do Programa Abrindo Espaços, a UNESCO no Brasil teve a oportunidade de atuar como laboratório de idéias, ajudando a criar as diretrizes metodológicas de um programa nacional baseado na cultura de paz, com o objetivo de propor um espaço de inclusão social e de valorização da escola pública.

Ao inserir-se no marco mais amplo de atuação da UNESCO, o programa contribui para fortalecer o conceito de educação ao longo da vida, bem como para a erradicação e o combate à pobreza. Volta-se ainda para a construção de uma nova escola para o século XXI, caracterizada muito mais como “escola-função”, e não apenas como “escola-endereço”, ou seja, uma escola que, de fato, contribua para o desenvolvimento humano e integral dos seus alunos e da comunidade.

O programa atua para ajudar a transformar as escolas em espaço de acolhimento e pertencimento, de trocas e de encontros. O objetivo é que elas sejam capazes de incorporar na programação oferecida no fim de semana as demandas do segmento jovem, bem como suas expressões artísticas e culturais, fortalecendo a participação dos estudantes e jovens nas atividades da escola.

Espera-se, ainda, que a abertura das escolas nos fins de semana contribua para uma reflexão sobre a “escola da semana”, sugerindo novas práticas capazes de interferir positivamente nas relações entre alunos e professores. É verdade que, quando se sentem acolhidos, os estudantes desenvolvem uma relação diferenciada com a escola e tornam-se menos vulneráveis à evasão escolar. Por isso, podemos afirmar que o programa contribui para ajudar a reduzir os preocupantes

números relacionados à grande quantidade de estudantes que ingressam no ensino fundamental em comparação com o reduzido percentual que consegue finalizar o ensino médio.

É importante destacar também o papel fundamental que desempenha a educação na redução de desigualdades sociais. Não há transformação social sem investimento em educação. Pesquisas feitas pelo Banco Mundial e pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) demonstram que um ano a mais de estudo na vida de estudantes do sexo feminino impactam na diminuição da mortalidade infantil e materna, por exemplo. Tais estudos também demonstram o efeito de um ano a mais de estudo nos indicadores de empregabilidade e salários na América Latina.

O jovem como foco

O Programa Abrindo Espaços foi criado com base em uma série de pesquisas sobre juventude feitas pela UNESCO no Brasil. Tais pesquisas revelavam que os jovens eram, como ainda são, o grupo que mais se envolve em situações de violência, tanto na condição de agentes quanto de vítimas. A maior parte desses atos violentos acontece nos fins de semana, nas periferias, envolvendo, sobretudo, jovens de classes empobrecidas e em situação de vulnerabilidade.

Além disso, grande parte das escolas, especialmente as localizadas nas periferias das grandes cidades, estava envolvida em situações de extrema violência. Os *Mapas da Violência*, de autoria do pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, lançados pela UNESCO nos anos de 1999, 2000, 2002 e 2004, foram fundamentais para entender o papel dos jovens nos casos de violência no país.

Considerando-se esses dados, pode-se entender que, por trás de uma idéia aparentemente simples – a abertura das escolas aos sábados e domingos para oferecer aos jovens e suas famílias atividades de cultura, esporte, arte, lazer e formação profissional –, há uma estratégia de *empoderar* os jovens, fortalecer a comunidade, fortalecer o papel da escola e contribuir para a redução dos índices de violência, construindo uma cultura de paz.

O Programa Abrindo Espaços trouxe ainda para o ambiente escolar estratégias utilizadas em trabalhos comunitários, como o levantamento das demandas locais, a valorização de talentos, o fortalecimento das ações por meio de parcerias com organizações não-governamentais e outras entidades que atuam na região da escola.

O fato de o Abrindo Espaços validar a experiência das comunidades e os saberes locais faz com que o programa contribua para “quebrar o muro” do isolamento institucional das escolas, abrindo de fato suas portas para os moradores, os pais dos alunos, enfim, a toda a comunidade, que passa a reconhecer a escola como sua. Os estudantes e sua comunidade sentem-se valorizados à medida que suas demandas são atendidas e que as expressões juvenis são fortalecidas. Isto possibilita maior integração entre todos os atores envolvidos no processo e favorece a descoberta de novas formas de relação capazes de gerar o sentimento de pertencimento tão necessário para o exercício do protagonismo juvenil.

O programa representa ainda uma alternativa à falta de acesso a atividades culturais, uma realidade nas periferias brasileiras. O acesso à cultura, à arte, ao esporte, ao lazer e à educação permite que os jovens encontrem outras formas de expressão diferentes da linguagem da violência. A participação em oficinas de teatro, artesanato, música, dança e outras tantas atividades lúdicas abre horizontes, fortalece a auto-estima e é capaz de ajudar o jovem a descobrir um novo sentimento de pertencimento em relação à sua escola e à sua comunidade.

Na dinâmica do programa, o jovem e a comunidade são os protagonistas – não são vistos como meros beneficiários das atividades do fim de semana. Os jovens desempenham papel central: articulam atividades e mobilizam a comunidade para participar do programa. Essa participação é reforçada à medida que a grade de programação revela e valoriza os talentos locais.

Outro aspecto a ser ressaltado é a natureza descentralizadora do programa, que permite aos estados, municípios e escolas terem flexibilidade para adequá-lo às realidades e necessidades locais, sempre orientados pelos mesmos princípios, conceitos éticos e metodológicos. O programa é único e flexível em sua diversidade, e construir essa unidade na multiplicidade foi um de seus grandes desafios.

Acreditamos ter encontrado o fio condutor dessa unidade, materializado numa proposta que valoriza o saber local, respeita o protagonismo juvenil, valoriza e reforça o papel da escola e envolve a comunidade no programa, adaptando a metodologia desenvolvida para cada realidade/diversidade nas múltiplas regiões do país.

Com esta coleção, acreditamos estar colocando à disposição de educadores, profissionais da área social e especialistas de todo o Brasil um instrumento que, ao lado de outros tantos, certamente permitirá trabalhar a inclusão social e os valores da cultura de paz na escola, de forma a contribuir para a redução das desigualdades e a formação de cidadãos cada vez mais solidários, que respeitem os direitos humanos e valorizem a tolerância, reforçando o papel fundamental da educação na transformação social.

Além de disseminar a boa experiência dos programas Abrindo Espaços e Escola Aberta no Brasil, acreditamos que esta coleção também contribuirá para o crescimento da cooperação internacional, uma das importantes funções da UNESCO.

Cabe ainda agradecer a importante parceria da Fundação Vale, por meio de sua então Presidente, Olinta Cardoso, ela própria uma entusiasta do programa, e de sua contribuição para a inclusão social e a melhoria da educação.

Agradeço também a todos os parceiros do Programa Abrindo Espaços nos estados e municípios onde foi implantado e aos parceiros do Programa Escola Aberta do Ministério da Educação, que juntamente com professores, diretores, alunos, jovens e as comunidades o transformaram em uma experiência de sucesso. Por fim, agradeço a todos os profissionais do Setor de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil, uma equipe de pessoas comprometidas com um mundo melhor e sem as quais essa experiência não teria sido possível.

A concepção e a implantação do Programa Abrindo Espaços iniciaram-se no ano 2000 e se estenderam por todo ano de 2001, um ano que marcou profundamente minha vida. Em 2001, nasceu Laura, minha filha, e com ela renasceram em mim todas as convicções que alimento de que construir um mundo menos violento, mais igual e justo é tarefa coletiva e só será possível se esse desafio for assumido por todos, traduzindo os princípios da cultura de paz, dos direitos humanos e do respeito à diversidade, concretamente, na vida de cada cidadão.

Marlova Jovchelovitch Noletto

Coordenadora de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil

Sobre a Série Saber e Fazer

Este livro, *Abrindo Espaços – Guia passo a passo para a implantação do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*, é o terceiro volume da *Série Saber e Fazer – Sistematização do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*.

O conteúdo desta publicação é complementar ao dos outros dois livros que compõem a série: *Construindo Saberes*, sobre as referências conceituais e a metodologia do programa, e *Fortalecendo Competências*, sobre a formação continuada dos profissionais nele envolvidos.

Esta série é resultado da experiência acumulada ao longo de oito anos, desde o lançamento do programa pela UNESCO, no ano 2000. Os conteúdos apresentados nos três livros são fruto de documentos produzidos pela equipe do Setor de Ciências Humanas e Sociais da Representação da UNESCO no Brasil e de publicações que avaliaram o programa localmente em diferentes estágios da sua execução. Todos estão citados na bibliografia e na sessão “Saiba Mais”, que indica *sites* e outras fontes para quem desejar aprofundar conhecimentos sobre os temas citados nos três livros. Também foram feitas entrevistas com os cinco coordenadores responsáveis pela implantação do programa nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

Para facilitar a leitura e a utilização dessas informações, elas foram organizadas em uma série, com três livros, que têm conteúdos complementares. Esta série integra a *Coleção Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*. Espera-se que a série e a coleção sejam vistas pelos profissionais que atuam nas escolas como um mapa dos melhores caminhos para a abertura das escolas aos sábados e aos domingos. Que sirva de objeto de consulta e ajude a todos na missão de construir uma escola pública mais acolhedora e inclusiva.



Grupos de percussão são muito procurados por jovens afro-descendentes. Colégio Estadual Guadalajara (RJ).



O PROGRAMA ABRINDO ESPAÇOS: EDUCAÇÃO E CULTURA PARA A PAZ

No ano 2000, durante as comemorações do Ano Internacional da Cultura de Paz, a Representação da UNESCO no Brasil lançou o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz.

O programa consiste na abertura das escolas públicas nos fins de semana, com oferta de oficinas e ações diversas, que contemplam atividades de estímulo à expressão oral e artística, de desenvolvimento físico, de reforço escolar, de convivência e de sociabilidade e cidadania, entre outras.

Por trás da abertura das escolas no fim de semana – uma idéia que se materializa em um gesto aparentemente simples –, reside uma estratégia de inclusão social: oferecer às comunidades vulnerabilizadas pelo processo de exclusão social, especialmente aos jovens e às crianças, atividades nos campos da educação para a cidadania, do esporte, da cultura, da formação profissional, do reforço escolar, do lazer, ao lado de outras de cunho artístico-cultural.

O Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz está inserido no marco mais amplo de atuação da UNESCO: a concretização cotidiana da cultura de paz, o fortalecimento do conceito de educação para todos e ao longo da vida, a erradicação e o combate à pobreza, e a construção de uma nova escola para o século XXI, que seja “escola-função”, e não “escola-endereço”, ou seja, uma escola que, de fato, contribua para o desenvolvimento humano integral dos seus alunos e da comunidade.

Em 2004, em função dos resultados positivos alcançados pelo programa, sobretudo em relação ao fortalecimento da escola pública e à inclusão social de jovens, o governo federal, por meio do Ministério da Educação, em parceria com a UNESCO, lançou em âmbito nacional o Programa Escola Aberta: educação, cultura, esporte e trabalho para a juventude, pautado no conceito e na metodologia do Abrindo Espaços.

Na base de todas essas experiências está a busca do resgate da escola como instituição significativa na vida do jovem. A idéia é que a escola passe a incorporar as demandas juvenis por cultura, esporte, cidadania e lazer, tornando-se um local não só cada vez mais atraente para o jovem, mas também propício à maior aproximação entre a escola e a comunidade.

O Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz é uma ação de inclusão social e tem como focos o jovem, a escola e a comunidade, atuando diretamente na melhoria da qualidade da educação e na criação de um novo significado para a escola.

É também uma ação de inclusão educacional, pois, de acordo com a percepção dos diversos atores que dele participam, contribui para a melhoria da aprendizagem, da relação aluno–professor–escola, favorecendo o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens.

Ao combinar elementos de educação e inclusão social, o programa acentua o conceito destacado por Cecília Braslawsky,

Como tantos outros, o conceito de qualidade da educação é, ao mesmo tempo, muito simples e muito sofisticado. Sob nossa perspectiva, “uma educação de qualidade é aquela que permite que todos aprendam o que necessitam aprender, no momento oportuno de sua vida e de suas sociedades, e que o façam com felicidade”, porque todos merecemos a felicidade – ou, como se diz em francês, *le bonheur*. Neste sentido, é válido argumentar que o direito ao

bem-estar não é um direito que se deva postergar para a vida adulta. Meninos e meninas merecem, antes de qualquer pessoa, sentir-se bem quando estão na escola, ser felizes na escola (BRASLAVSKY, 2005).

A experiência do Programa Abrindo Espaços permite aos jovens e a suas famílias participarem de atividades inacessíveis à maioria das comunidades em situação de vulnerabilidade social. As oficinas desenvolvidas nos fins de semana são momentos em que as crianças resgatam o direito à infância, participando de brincadeiras, cantando, fazendo teatro, artesanato, jogando futebol, vôlei e outras tantas atividades.

Sobretudo em comunidades de baixa renda, é importante reservar à criança o direito de brincar, já que o espaço lúdico é uma das condições essenciais para uma infância feliz. Também os jovens e suas famílias, mães, pais, avós, ao participar das diversas oficinas, deparam com um universo cultural novo: aulas de dança e yoga, sessões de cinema e teatro, oficinas de música. Os depoimentos dos vários atores envolvidos no programa confirmam seu caráter inclusivo e também seu papel no resgate desta importante condição da vida humana: o bem-estar e a felicidade.

O Abrindo Espaços é também um importante instrumento de prevenção da violência e promoção da cultura de paz, colaborando para promover significativas mudanças nos altos níveis de violência que, em geral, envolvem as comunidades vulneráveis e as próprias escolas participantes do programa.

Pesquisas da UNESCO revelam que os índices de vitimização juvenil aumentam significativamente nos fins de semana, sobretudo em função da ausência de opções culturais, esportivas e de lazer que afetam os jovens das classes desfavorecidas. Se, por um lado, a falta de acesso a esses bens favorece o envolvimento dos jovens em situações de violência, por outro, o acesso à cultura, à arte, ao esporte e à educação permite-lhes encontrar outras formas de expressão.

Soma-se a isto a importância que o jovem e sua comunidade assumem na própria dinâmica do programa, quando este valoriza os talentos da comunidade, respeita as demandas locais e dá espaço às diversas expressões juvenis, possibilitando a integração entre a escola, o jovem e a comunidade. Este processo enseja ao jovem a descoberta de novas formas de ver e relacionar-se com o outro e consigo próprio, gerando o sentimento de pertencimento e fortalecendo, assim, a auto-estima, além de estimular o respeito à diversidade e a melhor convivência.

Outro aspecto a ser ressaltado na estratégia do programa é a sua descentralização, permitindo que cada estado, cada município e cada escola tenham flexibilidade para adequá-lo a sua realidade e às necessidades locais, sempre orientados por princípios e conceitos éticos e metodológicos únicos.

Diversidade, flexibilidade e controle local são componentes essenciais do Programa Abrindo Espaços, presentes na mobilização da escola e da comunidade, no planejamento e na divulgação das oficinas, na formação de parcerias, na capacitação das equipes locais e em vários outros aspectos do programa.

Jovem, escola e comunidade: os focos do programa

No Programa Abrindo Espaços, a escola é reconhecida como espaço potencialmente privilegiado para o investimento em um processo de mudança de atitude e comportamento dos jovens expostos, ativa ou passivamente, à violência (ABRAMOVAY et al., 2001). Considera-se que a instituição escolar é detentora de representatividade e respeitabilidade junto aos jovens e às comunidades: a) pela possibilidade de constituir-se como espaço de referência e pertencimento, tendo em vista a posição social que ocupa como núcleo organizado legítimo; b) pelo fato de ser local de acesso a todos os membros da comunidade, independentemente de estarem a ela vinculados de modo formal; c) pela condição potencial que tem de configurar-se como via mais informal de aproximação entre a juventude, a família e a comunidade.

Não é somente do espaço escolar que se vale o programa: sua efetivação depende da participação dos recursos humanos, do coletivo da instituição – diretores, professores, merendeiras, auxiliares. Suas atividades incorporam-se a práticas educativas e a outras iniciativas em curso, utilizando seus equipamentos e materiais. Portanto, o Abrindo Espaços conta com os recursos humanos e materiais da escola, devendo sua proposta estar plenamente integrada ao projeto político-pedagógico, com ênfase no jovem, na própria escola e na comunidade (NOLETO, 2001, p. 18).

A participação dos jovens implica o reconhecimento de suas formas peculiares de comunicação, reivindicação, expressão e subjetividade, sendo fundamental, para isso, a recusa aos estereótipos e estigmas que, entre outras conseqüências, conduzem, hoje, à associação entre juventude e violência. Implica, também, incluir ou dar voz e funções aos jovens em atividades do programa e prestar-lhes apoio no sentido de permitir-lhes combinar o exercício de liderança com a aprendizagem.

Ao se abrir nos fins de semana para a comunidade e jovens de todas as idades – estimulando-os a participar na concepção e na realização das atividades –, a escola promove o encontro entre gerações, que possibilita a troca, a convivência e a compreensão.

A experiência do Programa Abrindo Espaços já demonstra também a possibilidade de ampliação do universo cultural dos jovens e dos professores; a aproximação entre a escola e a família; o reconhecimento do espaço escolar como instância de cuidado e de não-exposição da juventude a situações de violência; a possibilidade de se desenvolverem novas opções de convivência entre jovens de diferentes grupos, no interior da escola ou externamente a ela; o estabelecimento de maior aproximação e solidariedade entre os jovens, os professores e as comunidades, viabilizando espaços de encontro, diálogo e afetividade.

No programa, conjugam-se diferentes estratégias, de forma a tornar a escola mais atraente para os jovens e a comunidade. Tais estratégias, de forma simplificada, são: a valorização do papel do diretor; a valorização do aluno, do professor e da escola; o exercício do diálogo; o trabalho coletivo; a participação da família e da comunidade; a criação de um novo significado do espaço físico; o incremento da sociabilidade e a construção do sentido de pertencimento. No seu conjunto, estas estratégias contribuem para a construção de um bom “clima escolar”, importante fator de redução da violência.

Elementos da identidade do Programa Abrindo Espaços

O Programa Abrindo Espaços apresenta elementos constitutivos de sua identidade, que, desde o ano 2000, quando foi criado pela Representação da UNESCO no Brasil, têm colaborado para que o programa venha se institucionalizando em diferentes estados como política pública de inclusão social e educacional.

Baseando-se em princípios, valores e conceitos propostos pela UNESCO, destacam-se os principais elementos que compõem a identidade do programa:

- 1)** *o respeito e a valorização da educação de qualidade e do papel dos educadores – professores, diretores e outros membros da comunidade escolar –, traduzidos em constantes e periódicas formações continuadas, produções de publicações destinadas a eles e outras ações;*
- 2)** *a importância da integração entre as ações regulares da escola (e seu projeto pedagógico) e as ações desenvolvidas nos fins de semana;*
- 3)** *a importância da integração da direção pedagógica da escola – definidores e executores das linhas pedagógicas – no planejamento conjunto das ações do fim de semana com a coordenação do programa;*

- 4)** a prática de uma relação dialógica e democrática com os parceiros e com toda comunidade escolar;
- 5)** a construção e a definição coletiva com os parceiros locais das fases e ações do programa;
- 6)** a valorização e a promoção da cultura local, e a preocupação com a construção de relações positivas com a comunidade local;
- 7)** a identificação e a valorização dos talentos locais;
- 8)** a valorização e a promoção das organizações não-governamentais comunitárias;
- 9)** a prática da comunicação permanente e do constante fluxo de informações entre os profissionais envolvidos no programa;
- 10)** a elaboração constante de publicações sobre temas relacionados ao programa, como importante instrumento de produção e disseminação do conhecimento;
- 11)** a determinação dos critérios de “risco e vulnerabilidade social” como fundamentais para a seleção de escolas participantes do programa.

Além dos elementos de identidade que compõem o Programa Abrindo Espaços, cabe destacar que, pelo seu alto potencial de replicabilidade, o programa também é constituído de elementos que podem sofrer adaptações, a depender das características e especificidades locais. Entre estes elementos, destacam-se:

- a autonomia na definição da composição das equipes locais de coordenação ou equipes gestoras;

- a flexibilidade da determinação dos horários de funcionamento das escolas nos fins de semana (embora a UNESCO recomende que as escolas devam abrir aos sábados, preferencialmente e, se possível, aos domingos, e ter uma programação durante as férias escolares);
- a definição do cardápio de atividades a serem desenvolvidas nos fins de semana;
- a autonomia na definição quanto à participação ou não de voluntários no programa;
- a autonomia na definição quanto à oferta ou não de alimentação aos participantes do programa.

A UNESCO e a cooperação técnica no Programa Abrindo Espaços

Acreditando em que não há aprendizagem sem desenvolvimento humano e que a escola deve ser fortalecida para que possa dar respostas às necessidades básicas da aprendizagem, e defendendo isso, a UNESCO no Brasil vem prestando cooperação técnica aos parceiros que decidiram implantar o Programa Abrindo Espaços.

O Programa Abrindo Espaços tem, entre suas principais referências conceituais, **os quatro pilares do conhecimento** (quadro na página 33) propostos por Jacques Delors¹ et alii, de modo a contribuir para que a aprendizagem e o desenvolvimento humano caminhem de forma indissociável². O programa tem, ainda, grande potencial transformador.

Nesses oito anos de funcionamento, a Organização construiu e sedimentou significativa experiência na execução, no acompanhamento e na multiplicação

1. DELORS, J. et al. (Org.). Educação: um tesouro a descobrir. 8.ed. São Paulo: UNESCO, Cortez, 2003.

2. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

de iniciativas baseadas na metodologia e nos conceitos do Programa Abrindo Espaços.

Além de ter auxiliado estados e municípios na gestão do programa, a UNESCO construiu importante capital humano e solidificou extensa rede de colaboradores capazes de, em conjunto com a coordenação nacional do programa, oferecer insumos de qualidade para a institucionalização do Abrindo Espaços como política pública voltada para a juventude, destacando o papel da escola na inclusão social e na construção da cultura de paz.

Nesse sentido, compõem a estrutura da cooperação técnica prestada pela UNESCO no âmbito do Programa Abrindo Espaços:

1) a discussão metodológica e conceitual sobre o programa, imprescindível para o seu entendimento e sua implementação;

2) a oferta de processos de capacitação e formação continuada em diversos temas relacionados ao programa, entre eles: conceitos gerais e metodologia do programa; juventude; cultura de paz; prevenção da violência, protagonismo juvenil; trabalho com comunidades; voluntariado; diagnóstico, monitoramento e avaliação;

3) a produção de publicações, inéditas ou reeditadas, que subsidiem as ações desenvolvidas no programa e as reflexões a ele relacionadas (a exemplo de cartilhas, resultados de conferências, declarações internacionais etc.) e a sistematização das experiências;

4) a avaliação das experiências desenvolvidas de modo a contribuir para a continuidade e replicação do programa, independentemente das mudanças de gestores governamentais.

A construção da cultura de paz

Sessenta anos depois da fundação das Nações Unidas e da UNESCO, o mundo encontra-se novamente em posição de transformar a cultura predominante de violência em cultura de paz. Hoje, o desafio consiste em encontrar os meios de mudar definitivamente as atitudes, os valores e os comportamentos, com o fim de promover a paz e a justiça social, a segurança e a solução não-violenta dos conflitos. Esse movimento multidimensional requer o apoio ativo e a participação contínua de uma rede sólida de indivíduos e de organizações que atuem em prol da paz e da conciliação.

As organizações não-governamentais desempenham um papel de fundamental importância para este movimento, portanto, convém envolvê-las sempre e chamá-las à ação nos níveis regional, nacional e internacional.

A guerra fria chegou ao fim, mas ainda subsistem conflitos armados e lutas civis, que sacrificam vidas humanas em muitos países. Outras fontes de tensão são a deterioração do meio ambiente, a desertificação, o excesso de população, a competição por recursos de água doce em vias de esgotamento, a desnutrição e a flagrante desigualdade econômica entre países ricos e pobres, bem como, internamente, a desigualdade social – fruto da concentração de renda e de modelos econômicos excludentes.

Substituir a secular cultura de guerra pela cultura de paz requer um esforço educativo prolongado para modificar as reações à adversidade e construir o desenvolvimento sustentável, que possa suprimir as causas de conflito.

O programa da cultura de paz está voltado não apenas para a prevenção das guerras, porque podemos até imaginar que as guerras são algo distante de nosso cotidiano. Estamos falando das guerras anônimas travadas na violência. Estamos falando de prevenir e combater todo tipo de violência, exploração, crueldade, desigualdade e opressão.

No campo do desenvolvimento econômico, é preciso passar da economia competitiva de mercado e de um modelo excludente e concentrador de renda, a um desenvolvimento mútuo e sustentável, sem o qual é impossível alcançar a paz duradoura.

Há que revisar o conceito de adotar modelos de desenvolvimento de outros países, de modo a respeitar cada país, suas tradições e a diversidade, incorporando as dimensões humana e social e de participação.

Como fortalecer a consciência sobre a importância e a urgência da tarefa vital de promover a transição de uma cultura de guerra para uma cultura da paz? Como encontrar os caminhos e meios para alterar os valores, atitudes, crenças e comportamentos do tempo presente?

Hoje, o desafio foi ampliado para além da situação das guerras declaradas entre duas ou mais nações, ou mesmo entre populações de um mesmo país, como ocorre nas guerras civis. A proposta de paz discutida globalmente consiste em encontrar os meios de mudar definitivamente atitudes, valores e comportamentos individuais e coletivos, com o objetivo de assegurar a solução não-violenta de todos os tipos de conflito registrados em diversos ambientes, entre eles, as escolas.

A maioria dos programas de cultura de paz existentes propõe atuar nos conflitos registrados no cotidiano em praticamente todas as sociedades do mundo. São confrontos marcados pela intolerância racial, religiosa, cultural, socioeconômica e, ainda, pelo preconceito contra minorias. O próprio entendimento de violência, neste contexto, deve acontecer de forma mais ampla. É preciso compreendê-la não apenas como expressão de maus-tratos e agressões físicas, mas, também, como perpetuação de populações vulneráveis em situações indignas, privadas do acesso a serviços básicos de saúde, educação e assistência social, entre tantos outros.

Não há cultura de paz sem democracia, participação, igualdade, respeito aos direitos humanos, respeito à diversidade cultural, justiça, liberdade, tolerância, diálogo, reconciliação, solidariedade e justiça social.

A cultura de paz é entendida, ainda, como uma tecnologia de convivência baseada na tolerância, na solidariedade, no compartilhamento e no respeito aos direitos individuais. No caso dos grupos que, por motivos diversos, defendem interesses diferentes e advogam causas distintas, colocando-se em campos opostos, muitas vezes como adversários, são estas as bases que devem nortear suas relações.

Os conceitos de cidadania, direitos humanos e cultura de paz também integram a proposta pedagógica do Programa Abrindo Espaços – conceitos que, somados aos instrumentos metodológicos, promovem a inclusão social, a educação de qualidade, o direito de ser criança e jovem, e contribuem para a prevenção da violência.

É com base em todos estes pressupostos que se constrói o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz.

A implantação do Programa Abrindo Espaços nas escolas, como foi visto nos livros 1 e 2 desta coleção, é uma estratégia que tem se mostrado bem sucedida para a construção da cultura de paz, envolvendo estudantes, professores e comunidade, além de influenciar positivamente as atividades escolares desenvolvidas de segunda a sexta-feira. Uma das principais ferramentas para o sucesso do programa é o estímulo à convivência entre os diversos grupos existentes na escola e seu entorno.

Com base no aprendizado da convivência com o outro – um dos princípios propostos por Delors e um dos principais valores do Programa Abrindo Espaços – vão sendo construídos os fundamentos da cultura de paz, da solidariedade, do respeito ao próximo e da tolerância.

Síntese dos quatro pilares

.....**Aprender a conhecer:**
estimula o prazer de compreender, de conhecer, descobrir e construir o conhecimento.

.....**Aprender a fazer:**
relaciona-se ao investimento nas competências pessoais, para que as pessoas tenham as habilidades necessárias para acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento.

.....**Aprender a conviver:**
é um dos maiores desafios da educação, já que a maior parte da história da humanidade é marcada por guerras e conflitos decorrentes da tradição de se administrar conflitos por meio da violência.

.....**Aprender a ser:**
refere-se ao conceito de educação ao longo da vida em seu sentido mais amplo, visando ao desenvolvimento humano tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.





As oficinas de artes marciais ampliam o universo cultural dos estudantes. Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, Rio de Janeiro (RJ).



OS PASSOS PARA A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA

Este livro é um guia passo a passo para a implementação do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz, com o propósito de contribuir com aqueles que desejam iniciar experiência semelhante.

Não se trata de uma fórmula ou receita única e acabada, mas, sim, de uma referência que, ao mesmo tempo em que orienta a implantação do programa, é flexível o bastante para se adaptar às peculiaridades locais e regionais.

Acima, destacamos os elementos de identidade do programa, que deverão estar presentes sempre em sua implantação, e também reforçamos que seu potencial de replicabilidade permite adaptá-lo a cada realidade, respeitando as especificidades do local onde será implantado.

O nome que o programa terá também é de livre escolha: o importante é que este nome reflita o fio condutor dos sentidos literal e metafórico de abertura das escolas. Literalmente, as escolas devem-se abrir a toda a comunidade – alunos, jovens, moradores. O sentido metafórico refere-se à necessidade de serem acolhedoras, inclusivas, receptivas e comprometidas, de fato, com o novo, com as sugestões, as necessidades e os desejos da comunidade escolar, e que traduzam uma nova prática pedagógica, com mais qualidade e com o compromisso de formar cidadãos democráticos, tolerantes e capazes de contribuir para a construção da cultura de paz.

Dessa forma, os procedimentos aqui sugeridos podem ter conformações variadas – ou acontecer de forma simultânea –, de acordo com as necessidades dos estados, dos municípios e das escolas, mas, de modo geral, devem favorecer a intervenção crítica e criativa das equipes de coordenação que implementam o programa, assim como dos profissionais que atuam diretamente nas escolas.

Mesmo com essa flexibilidade, o programa deverá manter sua unidade, com um fio condutor único, e com seus objetivos essenciais preservados, que são a inclusão social, a transformação e a abertura da escola, uma educação de qualidade, a valorização do papel do professor e a construção da cultura de paz.

A seguir, apresenta-se o detalhamento dos passos sugeridos para a implantação do programa. A partir do passo 3, para melhor compreensão, as ações são divididas em três etapas: o que é preciso fazer; como fazer e quem é o responsável pela ação.

Passo 1

Tomando a decisão

Este passo representa a vontade política de uma cidade ou de um estado de abrir a rede de escolas públicas ou parte dela para os jovens e a comunidade. Isso quer dizer que os gestores estão propondo transformar as escolas em espaços mais acolhedores para a comunidade e os jovens, ao mesmo tempo em que pretendem fortalecê-la institucionalmente.

O primeiro passo efetivo para a implantação do programa consiste na realização de negociações entre a Secretaria Estadual (ou Municipal) de Educação e a UNESCO, caso se deseje a cooperação técnica para o programa de abertura das escolas.

Durante a negociação entre o órgão público e a UNESCO, são definidas as condições referentes à governabilidade do programa, como sustentação financeira, sustentação técnica e infra-estrutura, posteriormente registradas no acordo de cooperação entre os parceiros.

Passo 2

Estruturando o programa e discutindo seu formato

Com base em ampla discussão entre os gestores públicos (educação, desenvolvimento social, cultura), estrutura-se o formato inicial do programa. Nesta etapa é recomendado planejar quem fará parte da coordenação central, quem será convidado para fazer parte da rede de parcerias, quais serão os critérios de seleção das escolas participantes, entre outros elementos.

Nesta fase, costuma-se promover, concomitantemente, uma reunião com a equipe da escola (diretor, professores, conselho escolar, outros servidores, pais, alunos) e a comunidade local, para conversar, discutir os objetivos, os princípios, a estrutura, a metodologia e os resultados esperados do programa, estimulando a participação de todos. Além disso, em geral é feito o levantamento inicial dos interesses e das necessidades da comunidade quanto às atividades a serem desenvolvidas nos fins de semana, identificando parceiros que possam apoiar o programa e que contribuam para definir a sua estrutura.

Também se definem os dias de abertura das escolas (se durante todo fim de semana ou apenas no sábado ou no domingo), os horários, os objetivos das atividades e a forma de implementá-las.

Passo 3

Formando a equipe de coordenação central do programa

É preciso formar a equipe de coordenação central do programa, composta por representantes, preferencialmente da Secretaria de Educação – essenciais, em se tratando de uma ação baseada na escola, das demais secretarias que dele participarão e, se for o caso, da UNESCO.

A UNESCO, por meio de sua Representação no Brasil, poderá ou não fazer parte da equipe central, contribuindo de qualquer maneira, independentemente de sua participação cotidiana nos trabalhos, visando a dar apoio para que a implantação do programa siga de acordo com os eixos metodológicos previstos.

As equipes de coordenação central podem ter formatos diversos. No Rio de Janeiro, por exemplo, este grupo era constituído por técnicos da Secretaria de Estado da Educação e da UNESCO, assim como em São Paulo e na Bahia. Em Pernambuco, diferentemente, formou-se um comitê metropolitano, integrado por representantes da Secretaria de Estado de Educação e por suas gerências regionais, além das secretarias municipais.

O que faz a equipe central?

A coordenação central, formada por uma equipe do(s) órgão(s) público(s) parceiro(s) e por um representante da UNESCO (se for o caso), responde pela gestão administrativa e pedagógica do programa. Faz acompanhamento e avaliação, registra avanços, discute ações e planeja atividades que possam melhorar a qualidade das formações profissionais e do programa de modo geral.

Quem são os gestores locais do programa?

A equipe técnica da Secretaria da Educação, na maior parte dos casos, faz a gestão local, mas outra secretaria municipal ou estadual também pode ser gestora.

Como se monta uma equipe central?

1º – Reunindo a equipe técnica da secretaria, para decidir o perfil das pessoas que devem fazer parte da coordenação central, de acordo com o formato que o programa terá.

2º – Criando um organograma funcional com as atribuições necessárias e o perfil das pessoas que formarão a equipe central (De acordo com as atribuições estabelecidas e o número de escolas envolvidas, recomenda-se construir um mapa com a logística operacional que se pretende.);

3º – Selecionando os integrantes da equipe que, preferencialmente, devem se dedicar em tempo integral à gestão do programa, para garantir a celeridade e a qualidade na sua execução.

Passo 4

Definindo os critérios para selecionar as escolas participantes e mobilizando-as para a participação no programa

É chegado o momento de selecionar as escolas que participarão do programa, definindo alguns critérios para nortear a seleção. De modo geral, são selecionadas as escolas que:

- estejam localizadas em áreas violentas, que abrigam populações em situação de vulnerabilidade social;
- estejam situadas em áreas com pouca ou nenhuma disponibilidade de espaços públicos e alternativas de cultura, esporte, lazer e entretenimento;
- apresentem altos níveis de violência na escola, no seu entorno ou em ambos;
- apresentem boa infra-estrutura – espaço físico, biblioteca, laboratório de informática, quadra de esporte;
- apresentem boa receptividade da direção para a implantação do programa.

Definidos os critérios para a seleção das escolas que participarão do programa – que podem considerar outros determinantes além dos sugeridos acima – , devem ser realizadas visitas às escolas pré-selecionadas, a fim de assegurar que elas tenham infra-estrutura mínima para a realização das atividades – quadra de esportes, pátio, salas disponíveis etc.

Feito isso, passa-se à fase de adesão. Essa ação pode ser feita por meio de convite à equipe pedagógica da escola para um encontro de apresentação do programa, também com o intuito de verificar o interesse dos diretores em aderir a ele. O convite é o primeiro passo para iniciar o processo de adesão.

Nesta etapa, devem-se realizar reuniões de sensibilização com os diretores. Dependendo da escola, devem ser igualmente convidados a participar os coordenadores, os professores e os representantes das associações de pais e mestres. Estas reuniões devem ter um formato que permita a todos os envolvidos tirarem dúvidas e manifestarem opiniões.

Em muitos locais, os encontros para apresentar o programa podem significar o primeiro diálogo efetivo entre diretores e comunidade, caso os pais ou outros integrantes da comunidade sejam convidados a participar. Tal convite ampliado torna-se mais produtivo em escolas que já têm um canal de diálogo mais estreito com a comunidade.

O formato do encontro (duração, espaço, dinâmicas e conteúdos), com os materiais utilizados para apresentação do programa — vídeos, fotos, textos — é previamente definido e poderá ser revisado coletivamente pelos representantes das escolas e a equipe de coordenação, que se responsabilizará pelos conteúdos. Cada escola terá autonomia para desenhar este primeiro encontro entre equipe pedagógica, pais e comunidade conforme o contexto, suas necessidades, experiências, expectativas e disponibilidades.

Considera-se fundamental que as escolas estejam dispostas a participar do programa e que seus diretores concordem com o planejamento e a realização das atividades previstas. O sucesso da ação começa pela adesão espontânea, que surge do interesse de participar, e não como resultado de uma imposição.

É preciso lembrar que, de modo geral, o programa atrai mais público, especialmente jovens, no início de sua implantação, em razão da ausência de oportunidades de acesso a cultura, esporte e lazer, mas a descoberta de um novo mundo – da participação, do desenvolvimento de habilidades, de crescimento pessoal – propiciada pelo programa faz que o público se amplie para além dos jovens e se consolide com a participação da comunidade.

O que deve ser feito para divulgar o programa nas escolas?

- Formular convite para as escolas selecionadas de acordo com os critérios sugeridos acima.
- Realizar encontro (de apresentação e capacitação) com diretores e outros membros da comunidade escolar para apresentar o programa.
- Oficializar a adesão por parte dos diretores das escolas, que pode ser formalizado por meio de um formulário assinado pelo diretor.

Quem convida as escolas?

A equipe técnica da Secretaria da Educação ou das outras secretarias envolvidas, ou de ambas.

Como atrair as escolas para o programa?

1º – Formulando os convites para as escolas selecionadas e reconhecendo a importância do diretor como agente de transformação social;

2º – Organizando reunião em que as ações, as dinâmicas e a organização geral estejam em consonância com os princípios e objetivos do programa (ou seja: se a pauta é sobre formas de tornar a escola acolhedora, acolha os diretores com palavras e atitudes; se o assunto for escola aberta e participativa, é preciso construir o encontro com base em dinâmicas que garantam o respeito mútuo e o diálogo. Este momento pode ser marcado pelos primeiros conflitos, próprios das iniciativas democráticas e participativas. O primeiro desafio será saber ouvir e acolher a opinião do outro, ainda que esta vá em direção oposta ao que se pretende. É importante salientar que as ações inovadoras tiram as pessoas da “zona de conforto”, podem gerar insegurança e suscitam o medo e as reações de defesa. É importante não perder de foco que o programa se baseia na cultura de paz e que isso pressupõe decisões pactuadas para a solução de conflitos.);

3º – Providenciando a assinatura da ficha de adesão por parte dos diretores. Para oficializar essa ação, é importante que o estado ou o município disponha de um veículo de divulgação, como, por exemplo, o Diário Oficial, onde possa constar o nome das escolas inscritas e, posteriormente, licitações ou informes publicitários. Recomenda-se a criação de um *site* específico para o programa como canal de comunicação e divulgação de informações importantes para quem executa e quem recebe a ação;

4º – Divulgando o programa para a comunidade. Podem ser utilizados, para esse fim, estações de rádio e jornais, audiência pública e outros meio que envolvam a participação de alunos da escola que será aberta;

5º – Acompanhando as escolas cadastradas a partir deste momento (da adesão à execução), para que se sintam apoiadas e seguras da escolha feita.

O que deve ser feito para divulgar o programa na comunidade?

Realizar um evento de lançamento para a comunidade escolar e local (diretor, conselho escolar, pais, alunos, professores, funcionários, outros servidores e representantes da localidade, principalmente jovens moradores do entorno).

Quem convida?

O diretor da escola, preferencialmente com participação da equipe da coordenação central.

Como organizar o encontro?

1º – Formular convites, não convocações. É importante valorizar o encontro como um espaço democrático aberto ao exercício da cidadania e criar uma expectativa positiva. Podem ser realizados um ou mais encontros para receber toda a comunidade escolar e local;

2º – Selecionar cuidadosamente os materiais que serão utilizados para divulgar o programa. Sugere-se elaborar um encontro em que as ações, as dinâmicas e a organização geral estejam em consonância com os princípios e objetivos apresentados. É importante construir um ambiente em que as pessoas se sintam à vontade para participar e expor suas idéias. Em alguns casos, é possível criar oportunidades para que as pessoas vivenciem, na reunião, um pouco das atividades que serão oferecidas nos fins de semana;

3º – Apresentar o programa, explicando seus objetivos, princípios, estrutura, metodologia e os resultados esperados, estimulando a participação de todos, e traçar com as comunidades escolar e local as linhas gerais de ação;

4º – Fazer um levantamento inicial sobre os interesses e as necessidades manifestados pela comunidade, sobre as expectativas em relação às atividades do fim de semana, identificando parceiros: ONGs, empresas, universidades que possam apoiar a escola;

5º – Abrir inscrições para voluntários, criando espaço e incentivando a apresentação de talentos;

6º – Registrar a participação e as propostas em formulários ou ata, como forma de valorizar esse momento de construção coletiva. Esse registro também é um ponto de partida, uma referência para planejar a organização das atividades que serão desenvolvidas e a possível rede de parceiros que poderão dar suporte a elas;

7º – Envolver todos os participantes, para que se sintam peças fundamentais e co-responsáveis na execução do programa. O sentimento de pertencimento e de valorização do envolvimento de cada um são os primeiros passos para o comprometimento das pessoas;

Passo 5

Compondo as equipes locais e iniciando o processo de formação continuada

É hora de selecionar os profissionais das equipes locais, também denominadas equipes executoras, e começar o processo de formação destes educadores. Independentemente de sua nomenclatura, este grupo atua diretamente nas escolas no fim de semana. As equipes podem adquirir diferentes configurações, segundo a realidade de cada estado ou município. O importante é que os critérios de composição do grupo sejam definidos de forma a suprir as necessidades locais e que as equipes sejam eleitas por meio de consulta participativa, incluindo representantes da escola e da comunidade. Os jovens necessariamente precisam ser envolvidos neste processo, para que possam contribuir com o desenho local do programa conforme sua perspectiva.

O papel das equipes é fundamental para o êxito do Programa Abrindo Espaços. Elas irão discutir a preparação da programação de atividades para as escolas no fim de semana, além de fazer contato com os educadores remunerados ou voluntários, com os professores, os artistas, os esportistas e demais convidados que irão implementar as atividades.

A seleção das equipes locais precisa estar atrelada à formação deste grupo de educadores. O processo deve privilegiar as características de gestão do programa e, sobretudo, as atribuições específicas desses profissionais. As equipes locais ou executoras podem ser capacitadas na própria escola ou em eventos que reúnam equipes de várias escolas.

Além das equipes locais, temos ainda, em alguns casos, os atores intermediários, que são os profissionais responsáveis pela ligação entre as escolas e

Um ator importante nas equipes locais é o professor comunitário, que fará uma ponte entre a escola da semana e a escola do fim de semana – um professor da rede escolar que conheça a realidade local e se comprometa com a comunidade e suas necessidades.

a coordenação central. São eles que supervisionam, acompanham e articulam o trabalho das escolas, realimentando com suas informações o processo de capacitação das equipes locais (que atuam diretamente no fim de semana) e contribuindo para o aperfeiçoamento constante do programa.

Em regiões onde o número de escolas que abrem no fim de semana é grande – e a distância entre elas, significativa – esses educadores são fundamentais. Não há uma nomenclatura definitiva para sua função, mas eles exercem o papel de coordenadores regionais ou supervisores.

Diante da relevância de sua função para o desenvolvimento do programa, é necessário que a coordenação central selecione cuidadosamente educadores que tenham o perfil para tal função e assegurem que estes também passem por processos contínuos de formação.

A formação inicial desses profissionais deve acontecer imediatamente após a sua seleção, com ênfase na metodologia do programa e nas suas características de gestão: o trabalho com os jovens, a abertura da escola para a comunidade, a escuta das demandas locais e assim por diante. A formação continuada deve, ainda, salientar a importância do apoio às equipes locais das escolas como condição fundamental para a realização das atividades. Os temas propostos devem fortalecer os conceitos da cultura de paz, da participação, do protagonismo juvenil, da mobilização comunitária, do voluntariado, ao lado de outros assuntos específicos que atendam a necessidades, demandas e características locais.

A definição do papel desses profissionais e da composição das equipes, repetimos, está subordinada ao desenho que o programa tem no estado ou no município onde está sendo implantado.

É importante ressaltar que a formação continuada deve ser um processo constante no Programa Abrindo Espaços e precisa envolver equipes locais, desde os

As formações continuadas contribuem para a construção de uma equipe crítica, reflexiva e alinhada conceitualmente, que seja capaz de alcançar as metas e os objetivos estabelecidos. É um exercício que fortalece os conceitos, que aperfeiçoa os métodos, as estratégias e as práticas educativas. Caracteriza-se pelo movimento contínuo, dialético e diversificado.

educadores até as merendeiras e os seguranças, enfim, passando, por todos aqueles que trabalham diretamente no fim de semana, além da equipe de coordenação central. As capacitações são geralmente realizadas com aporte de especialistas das próprias secretarias estaduais e/ou municipais da Educação envolvidas, além de especialistas da UNESCO, de universidades parceiras, de ONGs e de outras instituições de formação.

O que é preciso fazer para manter as equipes motivadas e alinhadas com os conceitos do programa?

Investir em formação continuada para todos os atores do Programa Abrindo Espaços.

Quem são os responsáveis pelo conteúdo e pela execução da formação?

Geralmente a UNESCO e a coordenação central desenham o perfil da formação e o seu conteúdo.

A equipe da coordenação central é responsável pela execução da formação.

A equipe de coordenadores regionais ou intermediários mobiliza as equipes locais para participar da formação e contribui com a sugestão dos temas a serem trabalhados.

Como organizar formações?

1º – A equipe central precisa estabelecer um cronograma de formações sistemáticas e continuadas capazes de contemplar todas as esferas de atuação do programa, durante toda a sua execução;

2º – É preciso que todos os atores discutam e levantem temas pertinentes às necessidades emergentes de cada um dos grupos;

3º – Cabe à coordenação central elaborar o material pedagógico que servirá de subsídio para a formação, levando em consideração os diferentes grupos e suas necessidades;

4º – A equipe central deve organizar as dinâmicas e as estratégias que contemplem os objetivos propostos;

5º – É importante registrar todos os momentos. Utilize mecanismos de avaliação para subsidiar os encontros seguintes.

O que é preciso fazer para selecionar equipes locais?

Realizar a seleção dos profissionais, com a participação da comunidade e dos jovens, e imediatamente começar o processo de formação desses educadores.

Quem escolhe os profissionais que compõem as equipes locais?

A equipe da coordenação central, com os diretores, coordenadores regionais (também chamados de supervisores) e com participação da comunidade.

Como se faz este processo de seleção?

1º – A coordenação central e os profissionais das equipes intermediárias definem critérios para a seleção das equipes locais. Estes critérios precisam estar em consonância com as necessidades e expectativas apresentadas pelos diretores, além de considerar as especificidades da região e, ainda, os princípios de operacionalização do programa. O ideal é que a comunidade também esteja envolvida na definição dos critérios.

Critérios gerais:

- perfil dos candidatos;

- número de responsáveis;
- atribuições;

2º – O processo de seleção precisa ser amplamente divulgado, permitindo a inscrição de todos os interessados e devendo constar de análise de currículos e entrevistas. Depois de criteriosamente selecionados, é preciso elaborar com a equipe central e intermediária um programa de formação capaz de preparar esses profissionais para atuar nas escolas com os jovens, a comunidade, os parceiros e voluntários;

3º – Representantes da equipe intermediária ou da coordenação central precisam registrar em documento o perfil dos executores, as competências e as atribuições necessárias para o cargo;

4º – É preciso construir com a equipe local os instrumentos e definir a metodologia apropriada para efetuar o diagnóstico sociocultural do local em que a escola está inserida: vocações, expectativas e anseios da comunidade;

5º – Elaborar com a equipe estratégias para iniciar a divulgação na escola e no entorno. Crie ações criativas e diferenciadas;

6º – Propor a construção sistemática de um instrumento de registro e avaliação das atividades que permita aos profissionais das equipes locais se expressarem e darem opiniões genuínas sobre o andamento do programa.

O que é preciso fazer para dar suporte ao trabalho das escolas?

Promover a seleção e a capacitação dos atores intermediários: coordenadores regionais ou supervisores.

Quem seleciona os atores intermediários?

A coordenação central.

Como se faz esse processo de seleção?

1º – A coordenação central deve descrever as atribuições do coordenador/supervisor, lembrando que sua principal função é garantir que as ações desenvolvidas nas escolas estejam de acordo com os princípios e valores do programa. Feito isso, a coordenação central deve traçar o perfil desses profissionais, determinando que tipo de competência ele deve ter para desenvolver suas atribuições;

2º – É preciso que a coordenação central elabore um programa de formação que responda às demandas específicas desses profissionais, com foco no acompanhamento das atividades desenvolvidas na escola e na supervisão das equipes locais;

3º – É necessário elaborar um documento de referência que contenha as atribuições dos profissionais intermediários, um cronograma de visitas às escolas que descreva o processo de acompanhamento feito às unidades escolares, bem como as propostas de intervenção;

4º – A coordenação central deve estabelecer um cronograma de encontros periódicos com a equipe intermediária para os realinhamentos necessários, para troca de experiências, levantamentos de expectativas e dificuldades, a fim de nortear as capacitações e estabelecer estratégias de encaminhamento decorrentes da avaliação feita.

Passo 6

Mobilizando a comunidade e realizando diagnósticos

Este passo refere-se à mobilização da escola e da comunidade para a participação nas atividades do Programa Abrindo Espaços, ao mesmo tempo em que procura conhecer mais profundamente a realidade da comunidade onde a escola está inserida.

Sugere-se que o momento do diagnóstico sociocultural e da elaboração das atividades com a participação da comunidade e dos jovens seja usado como o primeiro passo para a divulgação das atividades do fim de semana e para a mobilização. Envolver jovens, pais, professores na organização das ações compromete as pessoas, tornando-as responsáveis pelo sucesso do programa.

As equipes locais devem realizar um diagnóstico do universo sociocultural existente no entorno das escolas, bem como das demandas dos jovens. A elaboração desse “raio-X” possibilita às equipes obter as informações necessárias para desenhar o programa de acordo com as necessidades da comunidade, especialmente dos jovens, além de desenvolver estratégias para lidar com as questões daquela escola. Dependendo da região, a pesquisa pode ser feita por pólos ou grupos de escolas.

O diagnóstico envolve o mapeamento dos recursos e dos talentos existentes nas escolas e na comunidade, com vistas à sua participação no programa. Nesta etapa, a equipe deve fazer contato com os profissionais da escola e com a comunidade, com o objetivo de conhecer as lideranças locais. É preciso identificar as opções de lazer, esporte e cultura já existentes, ao lado das expressões artísticas características disponíveis e existentes na comunidade. A idéia é mobilizar as potencialidades e os recursos, para agregar valor às atividades do fim de semana.

Em outras palavras, esse é o momento de descobrir e contatar artistas, esportistas, professores e outros profissionais e talentos da própria comunidade para atuar, recebendo uma ajuda de custo ou voluntariamente. Isso dependerá de decisão local – uma opção não exclui a outra. O programa pode dispor da atuação de voluntários, ainda que remunere profissionais que dele façam parte. Independentemente da opção feita, é fundamental que haja a participação dos jovens e da comunidade em todas essas etapas, sugerindo, propondo, acompanhando a coordenação e contribuindo para definir as várias atividades do programa.

A possibilidade de participar, de construir coletivamente gera o sentimento de pertencimento, de fortalecimento da auto-estima e de busca do bem-estar comum, que são requisitos para o efetivo exercício da cidadania no cotidiano.

Conhecer a realidade da comunidade onde a escola está inserida e reconhecer seus talentos e as múltiplas possibilidades de participar comoicineiros e animadores das atividades que os jovens e moradores da comunidade representam contribuirá muito para o sucesso do programa.

Além da participação dos moradores da comunidade e dos alunos da escola no momento do diagnóstico, recomenda-se ainda que, para mobilizar a escola e a comunidade, sejam confeccionados materiais de divulgação e identificação visual das escolas envolvidas na ação, principalmente faixas, avisando sobre as atividades do fim de semana. Sugere-se também a utilização de banners, cartazes, folhetos, camisetas, bonés etc.

É preciso divulgar que a escola abrirá no fim de semana e que a comunidade está convidada, e informar que atividades e oficinas serão oferecidas e em que horários.

Divulgue as atividades do fim de semana:

- nas salas de aula, durante a semana, para os alunos matriculados na escola;
- em rádios e jornais comunitários;
- em igrejas e associações e grupos;
- de porta em porta em porta e em locais de concentração de jovens;
- usando carro de som;
- fixando cartazes e faixas em pontos estratégicos, como pontos de ônibus, postos de saúde, farmácias, supermercados etc.

O ideal é encontrar formas criativas de tornar “moda” entre os jovens o encontro do fim de semana na escola.

O que é preciso para atrair a comunidade e os jovens para a escola?

Mobilizar os profissionais que trabalham na escola, a comunidade e os jovens para as atividades do fim de semana. Sugere-se que a mobilização comece ainda na fase do diagnóstico sociocultural e do planejamento das atividades, quando a equipe do programa faz os primeiros contatos com a comunidade.

Quem é responsável pela mobilização?

As equipes locais, que também são chamadas de executoras.

Como mobilizar a comunidade e divulgar as oficinas?

1º – Durante a fase do diagnóstico sociocultural, identificar pessoas da escola e da comunidade e criar uma rede de parceiros (colaboradores) – jovens, pais, professores, voluntários, líderes comunitários, parceiros – que demonstrem interesse em participar do programa;

2º – Formar, com essas pessoas, grupos de apoio, que podem funcionar como conselheiros, captadores de recursos materiais, divulgadores do projeto na comunidade e na escola;

3º – Compartilhar e acolher propostas e sugestões desse grupo;

4º – Trabalhar em sintonia com a escola e a comunidade, principalmente, em parceria com esse grupo;

5º – Estabelecer coletivamente e formalizar os compromissos e as responsabilidades que cabem a cada um dos segmentos — oficinairos, voluntários, parceiros.

Não se esqueça de:

- documentar e registrar os projetos de cada um dosicineiros voluntários ou remunerados;
- formalizar a adesão dos voluntários – jovens ou pessoas da comunidade;
- elaborar acordo de parceria e cadastrar os parceiros;
- fazer acordos de conservação dos espaços, por meio, por exemplo, de mutirões, para deixar a escola organizada para as atividades da semana;
- estabelecer dias e horários para reunião com os grupos de apoio – convide pais, jovens, professores etc., elabore a pauta e registre todas as propostas, sugestões e questionamentos em atas.

O que é preciso fazer para conhecer a comunidade?

Realizar um diagnóstico sociocultural na escola e no entorno, para mapear recursos e revelar talentos.

Quem faz o diagnóstico cultural?

A equipe de coordenadores intermediários ou as equipes locais, também chamadas de executoras.

Como fazer um diagnóstico cultural?

1º – No momento da capacitação específica das equipes locais (passo 6), foi produzido o documento que contém elementos necessários a serem levantados no diagnóstico sociocultural. É hora de usá-lo novamente.

2º – Identifique ocasiões oportunas para o desenvolvimento do diagnóstico, que deve acontecer dentro e fora da escola.

3º – Sugere-se organizar grupos de jovens, pais, professores e outros colaboradores para desenvolver essa ação.

4º – Reúna todos os dados levantados: expectativas de crianças, jovens, pais, vizinhos; recursos disponíveis (parceiros potenciais) e pessoas com habilidades e talentos que querem participar, considerando todas as possibilidades: o professor de informática e o de línguas, as senhoras que bordam e pintam panos de prato, as bandas dos jovens, os grupos de dança; enfim, toda expressão da cultura local.

5º – A partir das informações, iniciar a construção da grade de atividades. É importante compartilhar com o grupo de jovens da escola esta construção, priorizando as atividades de seu interesse.

Passo 7

Definindo as atividades e divulgando as oficinas

Com apoio e supervisão das equipes intermediárias e com base no resultado do diagnóstico sociocultural, as equipes locais definem as atividades e oficinas do fim de semana, conjugando as demandas dos jovens e da comunidade aos recursos humanos e materiais existentes – oficinairos, grupos organizados da própria escola, voluntários, talentos locais etc. – e organizando os espaços da escola para sediar as atividades programadas.

Sugere-se que as equipes executoras utilizem o seguinte procedimento na hora de adequar os espaços da escola para receber as oficinas:

- elaborar lista detalhada de todos os preparativos e materiais necessários;
- preparar a escola para ser um espaço acolhedor, facilitando o acesso das pessoas às atividades e oficinas;

- fixar cartaz na entrada da escola, divulgando a lista de atividades e oficinas que serão oferecidas naquele dia;
- fixar cartazes, sinalizando o caminho e o local onde cada atividade e cada oficina serão realizadas.

Recomenda-se que as atividades e oficinas sejam agrupadas por eixo de atuação, para que as equipes se organizem melhor. Isso posteriormente facilitará o aperfeiçoamento, a qualificação de educadores e oficinairos de eixos específicos, caso seja necessário. A divisão proposta é a seguinte: esporte, lazer e recreação; cultura e arte; geração de renda e formação complementar.

Após o planejamento das atividades, é a hora de divulgar as oficinas. Para este momento, é importante contar com os jovens oficinairos e os talentos da comunidade que participarão das atividades na escola no fim de semana. A presença de membros da comunidade estimulará a participação maior da própria comunidade.

Sugere-se, ainda, um planejamento para o final das atividades e das oficinas, visando a aprimorá-las para o próximo fim de semana.

Ao final da realização das atividades e oficinas, a equipe executora reúne-se para uma avaliação, cujo objetivo é aprender com as experiências, melhorando o desempenho da equipe e a qualidade do programa. Finalizada a avaliação, a equipe executora planeja e prepara as atividades e oficinas do próximo fim de semana.

A equipe de profissionais intermediários deve realizar reuniões semanais de avaliação, acompanhamento e planejamento junto às equipes executoras e aos oficinairos.

A coordenação central deve planejar sistematicamente capacitações e sensibilizações, para suprir as demandas das equipes intermediárias, das executoras, dos oficinairos, dos professores, da comunidade e dos jovens.

O que é preciso fazer antes de iniciar as oficinas?

Elaborar um planejamento detalhado das atividades, listar os materiais necessários para executá-las e preparar o espaço da escola para as atividades.

Quem faz o planejamento das atividades?

As equipes intermediárias e executoras, em parceria com a comunidade.

Como fazer o planejamento das atividades?

1º – Com base nas informações do diagnóstico sociocultural, construir a grade de atividades do fim de semana, contendo oficinas e ações que contemplem as demandas locais e os princípios do programa: protagonismo juvenil, inclusão social, participação familiar, encontro de gerações, qualidade de vida, bem-estar pessoal e social, integração família–escola e escola–comunidade;

2º – Dar uma denominação para essa grade: Proposta Semanal, Cardápio de Atividades ou outra que atenda às características regionais;

3º – Organizar encontros sistemáticos com osicineiros para uma apresentação detalhada do programa e para levantar as necessidades de materiais, de parceiros, de espaço físico etc.;

4º – Preparar os espaços físicos e organizar a escola, tornando-a acolhedora e acolhedora;

5º – Facilitar os acessos com indicações, fixando cartazes que sinalizem o local de cada oficina;

6º – Durante a execução das oficinas, a equipe deve:

- circular pela escola, acompanhando o trabalho dosicineiros, para identificar necessidades e, posteriormente, fazer ajustes;
- destacar um jovem ou um colaborador para receber as pessoas de forma acolhedora no portão da escola e registrar a sua presença. A presença também pode ser feita diretamente nas oficinas, pelosicineiros;

- planejar o início das atividades do dia e o final com um encerramento coletivo, uma ação de confraternização e integração que reúna todos os participantes e osicineiros num único espaço, uma forma de aproximar os membros da comunidade que não se conhecem ou que não tem proximidade;
- planejar um momento final apenas para os oficineiros, para que eles possam se expressar, tirar dúvidas, apresentar suas dificuldades e incertezas. É um momento propício para pensar em grupo em como enfrentar desafios.

Obs.: A capacitação das equipes locais e intermediárias deve contemplar todos estas etapas: planejamento, execução e avaliação das atividades.

Passo 8

Abrindo os portões: integrando escola e comunidade

Trilhados os passos descritos até aqui, é hora de abrir os portões para os jovens e a comunidade no fim de semana. O espaço físico da escola está preparado, os equipamentos e demais materiais necessários para as oficinas estão organizados, a equipe executora passou por um processo de formação inicial. As comunidades intra- e extra-escolar estão envolvidas, uma parcela dos jovens está comprometida e as ações do fim de semana foram divulgadas.

A escola está pronta para começar a acolher pessoas de todas as idades, de todas as raças, de todos os lugares, com as mais variadas necessidades e histórias de vida. É chegada a hora de fazer que os diferentes grupos da comunidade se encontrem, alguns pela primeira vez, em um ambiente livre das regras da violência que muitas vezes imperam no entorno da escola.

A abertura das escolas dá-se de forma diferenciada, de acordo, mais uma vez, com as distintas realidades atendidas pelo programa. Há escolas que abrem aos sábados e aos domingos; outras que optam por abrir apenas aos sábados ou aos domingos; outras que abrem quinzenalmente. Da mesma forma, há grande variação na quantidade de oficinas ofertadas – algumas escolas oferecem grande número delas; outras, nem tanto. Em muitas delas, há também festas e *shows*.

Neste primeiro fim de semana, assim como em todos os outros, sugerem-se alguns procedimentos:

Um jovem colaborador deve receber a comunidade no portão e, dependendo da quantidade de pessoas, registrar as presenças em uma lista. Este procedimento pode ser feito diretamente pelosicineiros, antes do início das atividades. Evidentemente, o registro das presenças dependerá do número de participantes. Existem casos em que, pelo grande número de participantes, fica impossível registrar as presenças.

A equipe executora deve circular pelas oficinas, para acompanhar o trabalho dosicineiros, identificando acertos, necessidades e, posteriormente, fazendo os ajustes necessários.

Todos os eventos podem iniciar ou terminar com a realização de um “Espaço Aberto”, uma reunião dos participantes de todas as oficinas para uma atividade coletiva, um momento de integração e confraternização, como forma de apresentar a escola para a comunidade e a comunidade para a comunidade.

O que significa abrir os portões da escola?

O acolhimento da comunidade – de pessoas de todas as idades, jovens de todas as “tribos”.

Quem coordena as atividades na escola?

As equipes locais.

Como se faz para abrir os portões no fim de semana?

1º – Verificar a execução de todos os passos anteriores (Atentar para:

- cumprir a programação divulgada;
- garantir a presença dos responsáveis pelas oficinas divulgadas – osicineiros;
- assegurar a existência de uma equipe de apoio para acolhimento e organização geral durante as atividades;
- sinalizar a localização das oficinas dentro da escola;
- registrar o número de participantes por oficina;
- colocar urna de sugestões, propostas, críticas e elogios dos participante.;

2º – Estabelecer e cumprir o horário de funcionamento das atividades. É importante manter a pontualidade do início e do encerramento das atividades. Essa determinação pode partir da equipe gestora (coordenação central) do programa, dependendo da realidade local;

3º – Realizar uma atividade de integração e confraternização para marcar o início e o encerramento das atividades. Esse ritual fortalece os vínculos e favorece o bem-estar pessoal e coletivo, ao reforçar o sentimento de coletividade, de comunhão;

4º – Ter em mente que o responsável pela gestão do fim de semana precisa acompanhar todas as atividades e estar atento e aberto ao diálogo diante dos conflitos que surgirem.

Passo 9

Monitorando e avaliando o programa

Desde o momento em que o programa inicia, é necessário começar o monitoramento e prever sua avaliação. Monitoramento e avaliação são etapas fundamentais para a realimentação e o aperfeiçoamento do programa.

Para a UNESCO, essas ações são elementos estratégicos fundamentais, capazes de assegurar a ampliação e a continuidade das ações, além de permitir que se façam correções de rumo, quando necessário. A avaliação desempenha também um papel fundamental, pois permite comprovar os acertos ou os erros e o sucesso, a eficiência e o impacto do programa.

O processo de avaliação deve acompanhar todo o desenvolvimento do programa, geralmente por meio de pesquisas quantitativas e qualitativas, feitas com grupos focais, e entrevistas, nas quais são ouvidos pais, jovens, pessoas representativas da comunidade, membros da equipe pedagógica, membros das equipes intermediárias e executoras, oficinairos, voluntários, entre tantos outros. A avaliação poderá ser feita pela UNESCO, por alguma universidade que acompanhe a execução do programa ou por centro de pesquisa especializado e contratado para este fim.

Há ainda processos de monitoramento que devem ser feitos rotineiramente pela equipe executora. Por exemplo: registrar o número de participações em oficinas e demais atividades oferecidas; contabilizar episódios de violência contra a pessoa (ameaças, brigas, agressões) ou contra o patrimônio público (furtos, depredações, pichações).

O que se deve fazer para monitorar o programa ?

Registros cotidianos de indicadores definidos pela equipe central, como a participação nas oficinas, número de participantes, diminuição de brigas, agressões e depredações na escola, entre outros.

Quem monitora o programa?

- Membros da equipe central e da equipe executora;
- Equipes constituídas e treinadas especificamente para essa ação;
- Técnicos e pesquisadores da UNESCO e de universidade, se for o caso.

Como fazer a avaliação do programa?

1º – Definir quem fará a avaliação, se a UNESCO, uma universidade ou algum instituto ou centro contratado para este fim. A partir daí, serão criados instrumentos quantitativos e qualitativos para avaliar resultados e impactos locais e regionais, de forma sistemática, periódica e contínua;

2º – Acompanhar e orientar cada escola, a fim de que desenvolva mecanismos para monitorar cotidianamente as ações desenvolvidas, podendo corrigir com rapidez os rumos. Considere também os registros das reuniões das equipes e das capacitações;

3º – Acompanhar e orientar cada membro da equipe intermediária, para que tenha um mapa com o diagnóstico atualizado de sua área de atuação, no que diz respeito aos resultados alcançados, pontos positivos e pontos negativos, que necessitam de um encaminhamento diferenciado. Esses mapas ajudam a compor uma avaliação geral do programa, de modo a subsidiar as ações da coordenação central;

4º – Organizar periodicamente, por intermédio da coordenação central, um processo de avaliação, envolvendo técnicos e pesquisadores externos. Esse recurso dá credibilidade e publicidade ao programa.

Passo 10

Documentando a experiência

O último passo remete à necessidade de documentar a experiência do programa. O registro das ações valoriza os atores sociais envolvidos na abertura das escolas, além de documentar a trajetória do programa – suas diferentes etapas, seu amadurecimento e as soluções que podem ser compartilhadas por outras escolas, municípios e estados.

Essa documentação também constitui um importante material para a revisão do programa, podendo ser usado para apoiar atividades desenvolvidas e subsidiar discussões com a comunidade e com demais parceiros.

Deve-se levar em conta que os produtos da documentação – vídeos, livros, cartilhas, brochuras, fotografias e websites – podem ser usados posteriormente como materiais pedagógicos para apoiar o trabalho das equipes nas escolas, com as comunidades e com os jovens. Além disso, os materiais de documentação podem ser utilizados pelas escolas em outros estados e municípios que desejam implantar o programa.

O que fazer para registrar a trajetória do programa?

Registrar suas experiências em forma de vídeo, fotografia, livros, folhetos, brochuras, websites.

Quem registra as experiências?

As equipes locais registram a experiência nas suas escolas de atuação, mas isso pode ser feito pelas equipes intermediárias ou mesmo pela coordenação

central, ou ainda pelos jovens participantes do programa, dependendo da ação e da abrangência do que se pretende documentar.

Como documentar as experiências?

1º – Propor às escolas algumas ferramentas de registro;

2º – Construir com a equipe executora um modelo de registro para documentar de forma sistematizada as atividades realizadas na escola (Sugestões:

- registrar a participação por oficina ou atividade oferecida na escola;
- manter sempre um espaço (pode ser uma caixa ou um computador) para receber sugestões e críticas. É importante ler, arquivar e observar as mudanças ocorridas ao longo do tempo;
- manter um arquivo fotográfico atualizado, assim como de relatos de atividades do ponto de vista dos participantes, dosicineiros e dos professores;
- manter um arquivo com produtos das oficinas: desenhos, pinturas, artesanatos etc.



As escolas se transformam em espaço de lazer no fim de semana (AM).



ABRINDO ESPAÇOS: TRÊS EXPERIÊNCIAS PIONEIRAS

Fazendo valer seu propósito de contribuir para o desenho e a execução de políticas públicas voltadas para a inclusão social, a prevenção e a redução da violência, e o compromisso de contribuir para a revisão do papel da escola, o Programa Abrindo Espaços consolidou parcerias nas esferas federal, estadual e municipal e envolveu diversas organizações da sociedade civil e do setor privado, a fim de construir alternativas para a melhoria das condições de vida dos jovens brasileiros.

A experiência desenvolvida nos três estados onde teve caráter pioneiro – Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia – foi fundamental para consolidar a proposta inovadora do programa e desenhar sua metodologia, além de reforçar suas bases conceituais.

Depois destes três estados, onde o programa teve início, também São Paulo, Rio Grande do Sul, Sergipe, Mato Grosso, Minas Gerais e Piauí aderiram a ele. Ao lado destes estados, vários municípios adotaram a estratégia de abrir as escolas nos fins de semana, inspirados pela metodologia do Abrindo Espaços.

Em 2004, a parceria da UNESCO com o governo federal, por meio do Ministério da Educação, no Programa Escola Aberta, permitiu que a iniciativa de abertura das escolas públicas fosse estendida para todo o Brasil e consolidasse o programa como uma política pública nacional.

Com o objetivo de permitir a disseminação do programa, apresentamos, de forma resumida, as experiências iniciais que traduzem concretamente os passos desenhados para sua implantação e,

como resultado máximo deste laboratório que foi o Programa Abrindo Espaços, o nascimento do Programa Escola Aberta: educação, cultura, esporte e trabalho para a juventude, política pública do governo federal.

Rio de Janeiro

O Programa Escolas de Paz

O Programa Abrindo Espaços teve início no Rio de Janeiro, no ano 2000, de forma concomitante ao lançamento das ações do Ano Internacional da Cultura de Paz. Foi denominado Programa Escolas de Paz, em uma parceria entre a UNESCO e o governo do estado.

Quando de sua implantação, foram selecionadas unidades de ensino localizadas em regiões de maior violência, com poucas alternativas de cultura e lazer, que ofereciam em suas instalações equipamentos adequados para a realização de atividades, permitindo a utilização criativa dos espaços disponíveis. Tais atividades eram desenvolvidas por uma equipe de animadores remunerados (composta, freqüentemente, por professores e outros servidores da escola) e também por voluntários sem remuneração. Esses atores receberam, desde o início, capacitações sobre temas centrais, como cultura de paz, atividades culturais, cidadania e juventude, entre outros.

A primeira fase durou de agosto a dezembro de 2000, contando com a participação de 111 escolas de todo estado, concentradas, principalmente, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Seu desenvolvimento foi acompanhado e avaliado por uma equipe de pesquisadores da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da UNESCO, cujos resultados estão no livro *Escolas de Paz* (ABRAMOVAY et al., 2001).

Essa pesquisa ofereceu indicações de mudança, incorporadas na segunda fase do programa, realizada de junho de 2001 a julho de 2002. Na segunda

etapa, o Escolas de Paz estendeu-se a 232 escolas da rede estadual de ensino, abrangendo quase todo o estado. Em sua seleção, foram priorizadas aquelas inseridas em áreas violentas, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), carentes de equipamentos culturais, educacionais e de lazer. Além disso, pela experiência acumulada, deu-se preferência às que já haviam participado do programa anteriormente.

Nessa fase, criou-se um colegiado, de caráter consultivo, composto por especialistas, encarregado de propor, articular e difundir iniciativas para o programa. Além disso, formou-se uma Unidade Gestora do Programa (UGP), com representação da UNESCO e do governo estadual, responsável por planejar e executar ações estratégicas, como planos de capacitação, acompanhamento das atividades nas escolas e estabelecimento de parcerias.

Instituiu-se, também, a formação de uma “equipe local”, grupo constituído por representantes da escola e da comunidade, preferencialmente jovens, responsável pela gestão do programa em cada unidade, com a função de planejar, organizar e executar as atividades nos fins de semana. Estas atividades, em sua maioria, eram oferecidas em forma de oficinas, ministradas por pessoas da comunidade intra- ou extra-escolar, identificadas a partir de um mapeamento de talentos locais feito por jovens alunos da própria escola. Capoeira, artesanato, dança, teatro, música, *hip-hop* e esportes variados são exemplos de algumas das oficinas mais populares. O número médio diário de beneficiários foi estimado em 300 por escola, a cada fim de semana. Foram realizadas, ainda, oficinas especiais, desenvolvidas por ONGs comunitárias e culturais.

A terceira fase do Escolas de Paz teve início em junho de 2003, envolvendo inicialmente 70 escolas da região metropolitana do Rio de Janeiro e ampliando-se, progressivamente, para o interior, até atingir a meta de 300 unidades escolares.

A avaliação sistemática do programa apontou para a necessidade de se empreenderem mudanças que respondessem às demandas e aos desejos do seu público-alvo e cumprissem a finalidade de promover maior inserção do jovem em situação de alta vulnerabilidade e maior envolvimento da escola, como núcleo formador e irradiador dos princípios que norteiam os trabalhos. Assim, intensificaram-se ações de gestão participativa e de capacitação, comunicação e mobilização mais sofisticadas e apropriadas aos beneficiários. O Programa Escolas de Paz buscou, ainda, consolidar o papel das escolas como indutoras de processos de formação ética e cidadã, promovendo o acesso de jovens a bens e serviços culturais e esportivos e ampliando o rol de alternativas oferecidas às comunidades, por meio do fortalecimento dos vínculos entre a estrutura escolar e as redes sociais.

Pernambuco

O Projeto Escola Aberta

Ao mesmo tempo em que o Programa Abrindo Espaços foi implantado no Rio de Janeiro, tiveram início atividades pioneiras de abertura de escolas nos fins de semana em Pernambuco, onde o programa recebeu o nome de Projeto Escola Aberta.

O estado encontra-se entre as unidades da federação com menor Índice de Desenvolvimento Humano. A região metropolitana de Recife é uma das mais violentas do país, especialmente para uma grande parcela dos jovens, desprovida de alternativas culturais, artísticas, esportivas e de lazer. Assim, a adoção do programa veio trazer uma possibilidade de resposta aos problemas gerados por tal situação, atingindo um de seus objetivos mais importantes: transformar a “escola na comunidade” em “escola da comunidade”.

Proposto pela UNESCO, o Escola Aberta foi lançado pelo Fórum Pernambucano de Cultura de Paz, constituído em julho de 2000, contando com a participação de representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além de um grande número de ONGs. Já em agosto, 30 unidades escolares da região metropolitana do Recife (20 da rede estadual e 10 da rede municipal de ensino do Recife) passaram a abrir suas portas nos fins de semana, oferecendo diferentes atividades culturais, esportivas, recreativas e de lazer para os jovens. A cada fim de semana, um público médio de 300 pessoas foi atingido em cada escola, totalizando um contingente de aproximadamente 9.000 pessoas.

Em 2001, foi estabelecida a meta de atingir 300 escolas. Calcula-se que um público de 90.000 pessoas era atendido a cada fim de semana. Diversas atividades foram desenvolvidas: identificação dos grupos juvenis, capacitação, mobilização e apoio às suas demandas. Além disso, constituiu-se o Comitê Metropolitano do Projeto Escola Aberta, de caráter consultivo, integrado por representantes de 14 secretarias municipais de Educação, da Secretaria de Estado de Educação e da UNESCO.

O programa contava, ainda, com um comitê gestor nas unidades escolares, integrado por servidores da escola, professores, pais, lideranças comunitárias, direção escolar e alunos. Não existia um modelo fixo de atividades. Cada escola organizava as atividades em função de suas necessidades, ofertas locais e expectativas de suas comunidades, oferecendo grande variedade de oficinas, jogos e cursos. O trabalho foi feito em parceria com organizações governamentais e não-governamentais, contando, também, com a participação de voluntários da própria comunidade.

Além das reuniões de seu Comitê Metropolitano, o programa realizava encontros de organização e capacitação para todos os coordenadores de escolas, equipes municipais, regionais e central. Cada uma das escolas recebia, mensalmente, uma ajuda de custo para gastos elementares advindos da abertura

da unidade escolar nos fins de semana. As escolas também podiam apresentar projetos de baixo custo para o desenvolvimento de atividades recreativas, culturais e educativas, entre outras. Os projetos eram julgados pela Equipe de Coordenação Central do programa e os recursos, repassados às unidades escolares, as quais deveriam, posteriormente, prestar contas de sua utilização. O Escola Aberta ofereceu, ainda, remuneração para um coordenador, indicado pela direção da escola, e remunerou um grande número de dinamizadores temáticos, que atuaram oferecendo oficinas.

Em 2003, o projeto Escola Aberta redefiniu seu modelo organizacional, de forma a atender à diversidade de expectativas, ao interesse dos atores e beneficiários e ao fortalecimento da qualidade das ações. Assim, sua estrutura compreendia uma Equipe Técnica (coordenação executiva, departamento administrativo-financeiro, coordenadores temáticos, supervisores pedagógicos, assessoria de imprensa), uma Equipe de Apoio (Comitê Metropolitano e parceiros) e Equipes nas Escolas (coordenadores, dinamizadores e voluntários). Participavam um total de 355 escolas, todas da região metropolitana do Recife, 178 pertencentes à rede estadual e 177, às redes municipais de ensino.

O resgate da cultura popular foi um dos motes para o desenvolvimento das atividades. Na área de esportes, o objetivo foi investir nos jogos de rua e estimular os jogos cooperativos. Como resultado dos trabalhos, realizou-se o Circuito Cultural de Rua, oportunidade em que o Escola Aberta levava diversos grupos das escolas para um dia de atividades culturais e esportivas nas comunidades, facilitando a formação de uma grande rede cultural-esportiva de apresentação dos grupos – o Circuito Interescolar.

Cabe ainda destacar que o Programa Escola Aberta em Pernambuco promoveu uma inovadora experiência de inclusão digital, em 100 escolas da rede estadual, oferecendo facilidades de informática e Internet a cerca de 6.000 participantes.

O Programa Abrindo Espaços

Bahia

Denominado de Abrindo Espaços, o programa foi iniciado, na Bahia, em dezembro de 2001, envolvendo 5 escolas. Em fins de abril de 2002, mais 13 se haviam integrado, totalizando 18 escolas abertas nos fins de semana. Gradativamente, novas adesões foram registradas, até atingir o número de 60 escolas públicas participantes, abrindo as portas aos alunos e às comunidades vizinhas.

A adesão dessas escolas no Programa Abrindo Espaços aconteceu por meio de convite da Secretaria de Estado de Educação, com base em critérios como: situação em áreas de vulnerabilidade social, com índices elevados de violência, em bairros carentes de espaços públicos de lazer; experiência anterior em atividades com a comunidade; receptividade da direção à implantação do programa.

A partir de convênio estabelecido entre a UNESCO e a Secretaria de Educação, foram assegurados recursos voltados à sustentação financeira, técnica e de infraestrutura necessária à execução das atividades. O programa abrangia 43 bairros de Salvador, com a disponibilização de oficinas de cultura, arte, esporte e lazer, cuja realização contribuiu para a redução dos índices locais de violência.

As escolas participantes foram transformadas em espaços mais seguros para uma população superior a 43.000 pessoas, que participava do programa nos fins de semana, distribuídas em mais de 2.000 oficinas construídas com a participação da comunidade e com apoio técnico da coordenação. A estrutura do programa contava com uma equipe de coordenação central, com representantes da Secretaria de Estado da Educação e do Escritório antena da UNESCO na Bahia, sempre com a colaboração de atores sociais da escola e da comunidade. Em cada escola, foi implantada uma equipe executora com um supervisor (da própria escola, responsável pelo equipamento escolar disponível para as atividades), um coordenador representante da comunidade, com a função de mobilizar a própria comunidade e contribuir para o processo de diagnóstico e

identificação dos talentos locais e dois jovens – geralmente um da escola e um da comunidade, além de um servidor da escola, responsável por assegurar as condições materiais de infra-estrutura para os fins de semana e o reinício das aulas na segunda-feira.

As equipes de coordenação e execução planejavam as atividades durante a semana e acompanhavam a execução delas nos fins de semana. Oficineiros, voluntários e contratados participavam do processo de planejamento e da execução das oficinas.

Todos os atores envolvidos no programa participaram em diferentes momentos de atividades de formação continuada.

Como estratégia de fortalecimento das oficinas, foram estabelecidas parcerias com ONGs, universidades e instituições diversas. Além disso, parcerias com comerciantes locais permitiram a doação de material básico para a realização das oficinas; a parceria com órgãos da mídia contribuiu para a divulgação do programa e de suas eventuais necessidades.

O Programa Abrindo Espaços tornou-se, também, uma referência para universitários voluntários desenvolverem suas práticas educacionais e artísticas. Ao mesmo tempo, o programa mobilizou cerca de 800 oficinairos voluntários, que, entre outras, realizaram oficinas itinerantes e de intercâmbio, que divulgavam o programa, dando visibilidade aos artistas locais, promovendo eventos em palcos privilegiados da cidade, parques e shoppings. As oficinas esportivas sempre tiveram a maior demanda, destacando-se a capoeira, o que reitera a importância de preservar e valorizar a cultura local. As oficinas de dança e *hip-hop*, integrando práticas de grafite, *skate*, *break* e *street dance*, sempre atraíram um grande público.

O programa teve um processo permanente de monitoria e avaliação, cujos resultados estão publicados no livro Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia (ABRAMOVAY et al, 2003).

Os programas do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul foram avaliados em termos quantitativos e qualitativos nas seguintes publicações

Escolas de Paz – ABRAMOVAY et al, 2001;

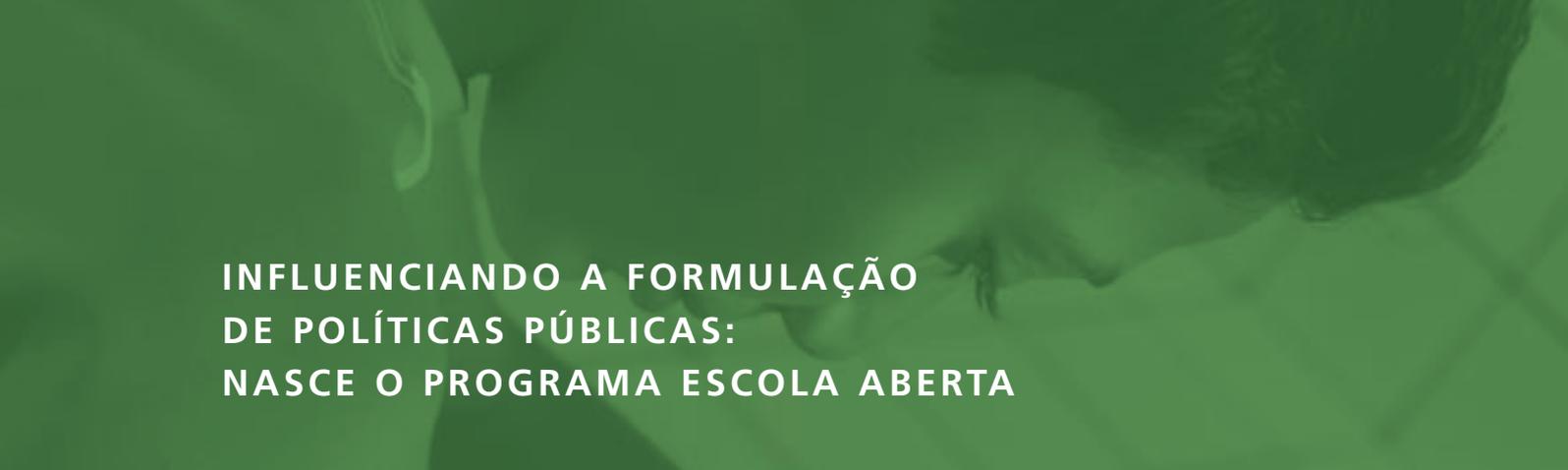
Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco – WAISELFISZ E MACIEL, 2003;

Abrindo Espaços Bahia: avaliação do programa – ABRAMOVAY et al, 2003;

Fazendo a diferença: Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul – ABRAMOVAY et al, 2006.



Oficinas de desenho ensinam técnicas de grafite. Escola Comissário Francisco Barbosa (CE).



INFLUENCIANDO A FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS: NASCE O PROGRAMA ESCOLA ABERTA

O governo federal lançou em 2004 o Programa Escola Aberta: educação, cultura, esporte e trabalho para a juventude, em parceria com a UNESCO, os ministérios da Educação, do Trabalho, do Esporte, da Cultura e os governos estaduais e municipais. O Ministério da Educação é o principal responsável pela implementação do programa, em parceria com a UNESCO.

Inspirado e influenciado pela experiência do Programa Abrindo Espaços, o Escola Aberta é um programa que propõe a abertura das escolas públicas nos fins de semana, para os jovens e suas comunidades, promovendo atividades de educação, cultura, esporte, lazer e formação inicial para o trabalho. Trata-se de um programa de melhoria da qualidade da educação e de inclusão social, que busca integrar o jovem, a escola e a comunidade.

O Programa Escola Aberta foi idealizado e é desenvolvido, sobretudo, para os jovens das classes populares, embora a escola esteja aberta a toda comunidade. Sabe-se que estes jovens

raramente têm acesso a opções de participar de atividades de esporte, cultura e lazer e que a ausência dessas oportunidades, somadas a um processo mais amplo de exclusão social e educacional, contribui para o seu envolvimento com a violência, principalmente, nos fins de semana.

Busca-se, por meio das ações e atividades desenvolvidas durante o fim de semana, contribuir para que a escola possa ser mais atuante no processo de inclusão dos jovens – tornando-se mais atrativa e capaz de ouvir as suas demandas, bem como de valorizar as formas próprias de expressões artísticas, culturais etc. Espera-se também que o desenvolvimento do programa possa questionar e sugerir novas práticas à escola regular.

O Escola Aberta orienta-se por valores e princípios semelhantes aos do Programa Abrindo Espaços, como o respeito e a valorização da cultura local, a relação dialógica e democrática com os diversos atores participantes do programa, a construção coletiva dos processos de formação com os parceiros, a valorização dos diretores escolares.

Estabelecer a parceria com o governo federal representou um marco e um desafio para o Programa Abrindo Espaços – a transformação de um projeto local em um projeto nacional, representando um ganho de escala.

O plano nacional de abertura das escolas teve início nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Pernambuco, totalizando 154 escolas abertas. A experiência inicial do Programa Escola Aberta de Pernambuco, com a UNESCO, foi determinante para o surgimento do programa federal e o influenciou muito. Estimava-se inicialmente trabalhar com uma experiência-piloto por um período de quatro meses, no entanto foram necessários dez meses para que a estrutura de gestão do programa fosse ajustada e pudesse comportar uma ampliação. Atualmente, o programa está presente em todos estados brasileiros e no Distrito Federal, com 2.064 escolas abertas e com previsão de expansão no segundo semestre de 2008.

Os principais critérios para selecionar as escolas participantes foram: escolas situadas em áreas de “risco social”, com índices de violência elevados, em áreas onde as comunidades têm acesso precário a opções de cultura e lazer, além da adesão voluntária da escola.

As escolas organizam as atividades do fim de semana, considerando as demandas da comunidade escolar e do entorno e os recursos locais, materiais e humanos, e contam com uma equipe formada por um coordenador comunitário, responsável pela abertura das escolas e a organização das atividades desenvolvidas por oficinas remunerados e voluntários. Um novo ator foi integrado à equipe – o professor comunitário –, responsável por fazer a articulação do programa com a escola formal. Para o desenvolvimento das atividades, as escolas recebem recurso para aquisição de material de consumo para as oficinas.

As escolas são apoiadas por uma equipe de técnicos da Secretaria de Educação do seu estado ou município, responsáveis pelo planejamento pedagógico e pela articulação do trabalho das escolas do programa.

O programa também conta, em seis estados, com equipes de coordenações estaduais, formadas por representantes do MEC e da UNESCO, responsáveis pelo planejamento das formações continuadas, das redes de parceiros que o apoiam e da articulação do trabalho das diferentes secretarias. As coordenações estaduais responsabilizam-se pelo cumprimento das diretrizes gerais articuladas com a coordenação central em Brasília, também composta por representantes do MEC e da UNESCO.



Ao longo destes quatro anos de execução do programa, os principais resultados relatados pelos atores envolvidos dizem respeito à significativa melhoria do clima na escola e no seu entorno, à diminuição da violência contra o patrimônio escolar, à ampla participação da comunidade nas atividades, à maior participação dos pais dos alunos na escola, à redução de incidências de violência interpessoal no espaço escolar, ao maior cuidado da comunidade com a escola e à formação de uma cultura de voluntariado em algumas localidades.

A integração com outros programas governamentais, como o Escola que Protege, o Programa de Coletivos Jovens de Meio Ambiente e o Conexões de Saberes, permitiu otimizar a participação dos jovens nos diversos programas e a maior sinergia entre os vários programas federais.

Com o lançamento do Programa Mais Educação, em abril de 2007³, espera-se que o Programa Escola Aberta continue a contribuir para repensar o papel da escola, melhorar a qualidade da educação e para idealizar uma escola de tempo integral, sintonizada com os múltiplos desafios do nosso tempo.

3. Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de abril de 2007.



O que dá certo

Na avaliação dos coordenadores do Programa Abrindo Espaços em Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul.

- Elaborar a grade de programação do fim de semana em parceria com a comunidade, ouvindo os alunos, especialmente os jovens. Isso pressupõe a criação de mecanismos institucionalizados e sistemáticos de participação e diálogo entre as equipes locais (que atuam nas escolas) e os outros atores.

- Promover formação profissional contínua para todos os profissionais envolvidos no programa – coordenação central, equipes intermediárias

e locais.

- Programar eventos de formação profissional específicos para os responsáveis pelas oficinas, de forma a aprimorar a qualidade das atividades oferecidas na escola.

- Chamar os pais para participar da organização das atividades do fim de semana, dando-lhes funções definidas e deixando que participem da gestão.

- Garantir um padrão mínimo de qualidade para os equipamentos e os materiais utilizados nas atividades de fim de semana.

- Estabelecer parcerias entre a Secretaria da Educação, o Ministério da Educação e uma universidade ou faculdade local, para oferecer curso de pós-graduação em projetos direcionados à escola.

- Construir ampla rede de parcerias em dois níveis: central e local. A primeira é estabelecida pela coordenação central, incluindo grande número de escolas ou mesmo toda a rede. A segunda é feita diretamente pela escola com parceiros do bairro (pessoas físicas ou jurídicas) ou da região. É importante que as escolas e os parceiros assinem um “termo de parceria”, a fim de não haver cobranças financeiras por serviços oferecidos ou produtos doados.



- Partilhar problemas da gestão local do programa com a comunidade, quando se fizer necessário.
- Agrupar as atividades oferecidas no programa por eixos de atuação: esporte, lazer e recreação; cultura e arte; geração de renda, formação complementar. Isso organiza as equipes e facilita a formação de educadores e oficinairos de eixos específicos, caso seja necessário.
- Possibilitar que as equipes executoras (que atuam diretamente na escola no fim de semana) possam influenciar nas correções de rumo do programa, quando necessário.
- Monitorar rotineiramente o resultado das atividades oferecidas nas escolas: registrar o número de participantes por eixo de atividade e por oficina; colher as críticas e sugestões dos participantes; registrar episódios de agressão (brigas e ameaças), roubos, furtos e invasões, além de episódios de depredação. Estes dados devem ser compartilhados entre todos os atores envolvidos no programa, para correção de rumo ou celebração de bons resultados.



- Dar visibilidade à ação dos jovens, inclusive dos que eram considerados “problemáticos” e passaram a ajudar na organização de oficinas e outras atividades, contribuindo para a melhoria de sua auto-estima.
- Permitir que as escolas escolham de fato as atividades oferecidas no fim de semana, utilizando talentos da comunidade – pais dispostos a ensinar a bordar, a dançar, a produzir instrumentos musicais etc.
- Estimular a reflexão coletiva das múltiplas equipes que participam do programa com o restante da escola e da comunidade escolar, contribuindo assim para a melhoria da qualidade da educação.

Saiba mais

Abrindo Espaços

2006 – Fazendo a diferença: Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145551por.pdf>>

2006 – Dias de paz: a abertura das escolas paulistas para a comunidade

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147233por.pdf>>

2004 - Abrindo espaços: educação e cultura para a paz. 3. ed. rev.

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131816por.pdf>>

2003 – Abrindo espaços Bahia: avaliação do programa

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131368por.pdf>>

2003 – Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129708por.pdf>>

2001 - Escolas de paz

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001403/140380porb.pdf>>

Pensadores

Anísio Teixeira

<www.centrorefeducacional.com.br/anisioteixer.htm>

<<http://www.sec.ba.gov.br/iat/>>

<<http://www.prossiga.br/anisioteixeira/>>

Edgar Faure

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000018/001801s.pdf> >

(Conhecido como Relatório Faure, este texto está disponível acima em espanhol, mas o mesmo também foi publicado em português com o título "Aprender a ser", encontrado para venda em vários sebos do mercado brasileiro).

John Dewey

<<http://www.centrorefeducacional.com.br/dewey.html>>

<<http://afilosofia.no.sapo.pt/DEWEY.htm>>

<<http://www.curriculosemfronteiras.org/classicos/teiapple.pdf>>

Paulo Freire

<<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/principal.jsp>>

<<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/>>

<<http://www.paulofreire.org.br/asp/Index.asp>>

Cultura de paz

2007 – Como vencer a pobreza e a desigualdade: coletânea dos 100 trabalhos selecionados no concurso de redação para universitários

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001576/157625m.pdf>>

2007 – Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento, 10 de novembro: ciência e vida nas regiões polares; equilíbrio para o planeta, trabalhos e desenhos premiados 2007

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001548/154822por.pdf>>

2007 – Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154588por.pdf> >

2006 – Imaginar a paz

(Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais)

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001509/150948por.pdf>>

2006 – Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001467/146767por.pdf>>

2006 – Esporte e cultura de paz
(Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais)
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145554porb.pdf>>

2005 – Solidariedade: escreva a sua parte, coletânea dos 100 trabalhos selecionados no Concurso de Redação para Universitários Brasileiros
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001446/144606mo.pdf>>

2005 – Caramuru FM: comunicação comunitária para a paz
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001540/154073por.pdf>>

2004 – Escrevendo a paz: coletânea dos 100 trabalhos selecionados no Concurso de Redação para Universitários Brasileiros
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001346/134671mb.pdf>>

2003 – Aprender a viver juntos: será que fracassamos? Síntese das reflexões e das contribuições extraídas da 46ª Conferência Internacional da Educação da UNESCO, Genebra, Suíça, 5-8 de setembro de 2001
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131359por.pdf>>

2003 – A UNESCO e o mundo da cultura
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133971por.pdf>>

2001 – Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127136porb.pdf>>

Site do Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz
<<http://www.comitepaz.org.br>>

Educação para a paz

2003 – Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001317/131747por.pdf>>

2003 – Lidando com a violência nas escolas: o papel da UNESCO/Brasil
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001322/132251por.pdf>>

2003 – Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana

(Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais)

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001316/131642por.pdf>>

2000 – Escola 2000

<<http://www.escola2000.org.br>>

2000 – Os sete saberes necessários à educação do futuro

(Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais)

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001243/124364por.pdf>>

1998 – Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI

(Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais)

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129801por.pdf>>

Protagonismo juvenil

Portal do Protagonismo Juvenil

<<http://www.protagonismojuvenil.org.br/portal/>>

COSTA, A. C. G. da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

_____. *Protagonismo juvenil: o que é e como praticá-lo*. *Escola 2000*.

<<http://escola2000.net/aprendizagem/ac-protagonismo.htm>>

Juventude, violência e cotidiano escolar

2007 – Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154588por.pdf>>

2007 – Juventudes: outros olhares sobre a diversidade

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>>

2006 – Juventude, juventudes: o que une e o que separa

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001468/146857porb.pdf>>

2006 – Cotidiano das escolas: entre violências

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>>

2005 – Drogas nas escolas: versão resumida

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139387por.pdf>>

2005 – Vidas poupadas

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001408/140846por.pdf>>

2005 – Mortes matadas por armas de fogo no Brasil, 1979-2003

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139949por.pdf>>

2005 – Mapas da violência de São Paulo

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001395/139514porb.pdf>>

2004 – Políticas públicas de/para/com juventudes

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf>>

2004 – Mapa da violência IV: os jovens do Brasil

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001351/135104porb.pdf>>

2004 – Relatório de desenvolvimento juvenil 2003

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133976por.pdf>>

2003 - Por um novo paradigma de fazer políticas: políticas de/para/com juventudes

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131361por.pdf>>

2003 – Violências nas escolas: versão resumida
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>>

2003 – Desafios e alternativas: violências nas escolas
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130875porb.pdf>>

2002 – Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na integração social na escola
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001347/134704porb.pdf>>

2002 – Violência nas escolas: dez abordagens europeias
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128722por.pdf>>

2002 – Estratégias educativas para a prevenção da violência
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128721por.pdf>>

2002 – Violência nas escolas e políticas públicas
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>>

2002 – Drogas nas escolas
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128719porb.pdf>>

2002 – Violências nas escolas
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>>

2002 – Escola e violência
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128717por.pdf>>

2002 – Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>>

2001 – O Jovem lendo o mundo: espaço aberto ao diálogo da infância e juventude
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127143por.pdf>>

1999 – Gangues, galeras, chegados e *rappers*: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília (PDF somente da versão em inglês)
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130864eo.pdf> >

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M. *Abrindo Espaços Bahia: avaliação do programa*. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131368por.pdf>>.

_____. *Escolas de paz*. Brasília: UNESCO, 2001. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001403/140380porb.pdf>>.

ATHIAS, G. *Dias de paz: a abertura das escolas paulistas para a comunidade*. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147233por.pdf>>.

BAHIA. Governo da Bahia. Secretaria de Educação. *Instituto Anísio Teixeira – IAT*. Disponível em: <<http://www.sec.ba.gov.br/iat/>>.

BIBLIOTECA VIRTUAL ANÍSIO TEIXEIRA. *Site*. Disponível em: <<http://www.prossiga.br/anisioiteixeira/>>.

BRASLAVSKY, C. *Dez fatores para uma educação de qualidade para todos no século XXI*. São Paulo, Ed. Moderna; Brasília: UNESCO Brasília, 2005.

CASSASSUS, J. *A escola e a desigualdade*. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, UNESCO, 2007.

CENTRO DE REFERÊNCIA EDUCACIONAL. *Anísio Teixeira*. Disponível em: <www.centrorefeducacional.com.br/anisioiteixer.htm>.

_____. *Dewey*. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/dewey.html>>.

CENTRO PAULO FREIRE DE ESTUDOS E PESQUISA. *Site*. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org.br/asp/Index.asp>>.

COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ. *Site*. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/>>.

DELORS, J. et alii. *Educação: um tesouro a descobrir*; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Ed. Cortez, UNESCO, 1998.

FAURE, E. *Learning to be: the world of education today and tomorrow*. Paris: UNESCO, 1972. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000018/001801e.pdf>>.

FONTES, C. *John Dewey, 1859-1952*. Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/DEWEY.htm>>.

FREIRE, P. *Biblioteca digital Paulo Freire*. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/principal.jsp>>.

_____. *Paulo Freire: Projeto Memória Arte*. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/>>.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Ed. Cortez, UNESCO, 2000.

NOLETO, M. J. *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. 3.ed. Brasília: UNESCO, 2004.

NOVOA, A. (org). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1992.

RIOS, T. *Ética e competência*. 14.ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

TEITELBAUM, K.; APPLE, M. John Dewey: clássicos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 2, p. 194-201, jul./dez. 2001.

UNESCO. *Fazendo a diferença: Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul*. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145551por.pdf>>.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001351/135104porb.pdf>>.

_____; ATHIAS, G. *Mapas da violência de São Paulo*. Brasília: UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/ulis/cgi-bin/ulis.pl?catno=139514&gp=1&mode=e&lin=1>>.

_____; MACIEL, M. *Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco*. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129708por.pdf>>.

_____ et alii. *Relatório de desenvolvimento juvenil 2003*. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133976por.pdf>>.